



Nº 60064

ESOPAIDA,
OU
VIDA DE ESOPPO,
OPERA,

Que se representou no Theatro do Bairro
Alto de Lisboa no mez de Abril
de 1734.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1817.
Com Licença.

OF THE

OF

THE

OF

OF THE

1818

OF THE

• •
•

ARGUMENTO.

E Sopo Filosofo, sendo captivo, ou escravo de Zeno, foi vendido a Xanto, Filosofo Atheniense, o qual estimou muito a Esopo por ser gracioso, e sabio. Este servindo a seu senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veio sobre a mesma Cidade ElRei Cresso de Lidia com hum grande exercito. Foi insinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Esopo como sábio fosse o Director da defesa dos Athenienses, e com seus ardís os livrou, dando o Povo a Esopo a liberdade em beneficio da Patria. Casa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRei Cresso premeia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo-o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.

INTERLOCUTORES.

Cresso, Rei de Lidia.

Zeno, Filosofo, senhor de Esopo.

Xanto, Filosofo.

Periandro, Discipulo de Xanto, amante de Filena.

Ennio, Discipulo de Xanto.

Temistocles, Senador.

Filena, Filha de Xanto.

Euripedes, Mulher de Xanto.

Geringonça, Criada de Euripedes.

Esopo, Filosofo.

Soldados, e Coro.

SCENAS DA I. PARTE.

- I. Mutaçáo de Praça com casas, e huma feira com gente.
- II. Mutaçáo de Camera.
- III. Mutaçáo de Sala.
- IV. Mutaçáo de Camera.
- V. Mutaçáo de Mar.
- VI. Praça. Mutaçáo de noite.
- VII. Mutaçáo de Exercito.
- VIII. Mutaçáo de Templo.

SCENAS DA II. PARTE.

- I. Mutaçáo de Selva.
- II. Mutaçáo de Arraial.
- III. Mutaçáo de Selva.
- IV. Mutaçáo de Camera.
- V. Mutaçáo de Arraial.
- VI. Mutaçáo de Pateo escuro.
- VII. Mutaçáo de Camera.
- VIII. Mutaçáo de Arraial.
- IX. Mutaçáo de Jardim.
- X. Mutaçáo de Sala.

PARTE I.

SCENA I.

Depois de cantar o Coro descobre-se a Praça com fonte, e haverá como huma feira com grande concurso de homeus, e mulheres, e hirão sabindo Zeno com os dous Escravos, e Esopo mais atrás.

Zen. **N**Otavel dia de feira para hum homem ganhar com estes tres escravos sequer duzentos por cento, que não he usura! Oh queira Jupiter que não chova! Não me dirás, Esopo, já que és tão prezado de respondão, por que quasi sempre em todas as feiras chove?

Esop. Isso tem pouco que saber, porque como quasi sempre as feiras se fazem nos Rocios, por força se hão de molhar, ou rociar as feiras.

Zen. Que depositasse a Providencia em vaso tão tosco huma alma tão perfeita como a deste Esopo!

1. *Éscr.* Para que nos trará nosso Patrão hoje á feira? Isto he novidade.

2. *Esop.* E o que mais me faz desconfiar he o vestir-nos com roupas novas, e trazer-nos mui Franças. Que dizes, Esopo, que será isto?

Esop. De sorte, meus amigos, que segundo a

Esopaida;

perspectiva em que estamos cheira-me isto a que nosso Patrão nos traz aqui para que alguém se namore de nós para casar, porque elle he muito amigo de fazer geração na bolsa.

1. *Escr.* Não, isto he mais alguma cousa.

2. *Escr.* Isto he o que quer que he.

Esop. Seja o que for: nunca cuidei no que está para vir. Não ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra que logo não tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quão pouco se me dá disso vamos vendo esta feira.

Zen. Donde Esopo vás? Tu não ouves? Com quem fallo eu?

Esop. He comigo?

Zen. Sim.

Esop. Eu não me chamo Esopo Vaz, sou Esopo só, nú, e espurio como minha mãe me pario.

Zen. Aonde hias, entremetido?

Esop. Se eu fora entremetido perguntára a Vossa Mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

Zen. Para vender-vos a todos tres, pois todos tres sois intoleraveis pelas vossas manhas, porque tu és hum bebado, e tu hum ladrão.

Esop. Visto isso, quem comprar a este sendo ladrão, compra-o com siza, e tudo. E eu, Senhor, quaes são as minhas habilidades, ou virtudes?

Zen. São boas: primeiramente mexiriqueiro, e bacharel.

Esop. Se eu fora Bacharel soubera Direito; se

eu soubera Direito, eu me endireitára, e não fôra corcovado; não he por ahi que vai o gato ás filhozes, tem mais de que se accuse?

Zen. Mais tenho, e o ser alcoviteiro não présta?

Esop. Eu digo que não présta; mas oihe o que lhe digo he que se Vossa Mercê me vende por isso, que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo he que estamos em hum tempo que se não sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Se Vossa Mercê bem soubera o que eu sou, talvez que me não vendêra. Porém fallando com a mais cativa reverencia, não he o mel para a bôca do asno.

Zen. Qual he o mel, e qual he o asno?

Esop. O asno, fallando por entre os dentes, he Vossa Mercê, e o mel he o que sahe, e o que levo do tinteiro.

Zen. Acaba com isso, que se começa com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes vamos passeando por esta praça. Que te parece? Não he boa?

Esop. De boa tem pouco.

Zen. Pois achas que esta praça não he boa? Que achaques lhe pôes?

Esop. Senhor, não pôde deixar de ser achacada huma praça com fontes, e a meu vêr tem dôr de pedra, porque ourina devagar.

Hom. Ah-sô amigo, que procura? Se quer huma boa espada aqui a tem.

Esop. Sou tentado com espadas: este homem he bruxo, adivinhou-me o genio: vejamos lá, que tal he?

Hom. He huma folha velha.

Esop. Folhinha velha, isso he do anno passado, não me serve para este: quero huma folhinha para este anno que vem; com hum eclipse de estocadas.

Hom. Não me entende? Digo que tem aqui huma espada velha.

Esop. Peior: eu não quero senão huma espada nova, e vem cá o Senhor á feira com huma espada velha!

Hom. Vá-se dahi, que não entende de espadas, ahi tem rócas, vá comprallas.

Esop. O homem não tem sizo. *à parte.* Pois fia vossê de mim, que não entendo de espadas? Pois saiba que meu pai foi hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãe nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a Comadre que era eu hum peixe espada, e por sinal, que com poucos dias de nascido me punhão á cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.

Hom. Passa fóra, carcunda; onde levas a merenda ás costas?

Esop. A das costas he minha, e a que está mais abaixo he para vossê.

Outr. Fóra Poeta.

Esop. Olha tu, não te faça huma sinalefa na cara, e hum Poema de pés quebrados.

Zen. Valha-te o diabo, maldito, não te callarás, que és aqui a fabula do povo?

Esop. Pois se eu sou a fabula do povo, tambem o povo he a fabula de Esopo.

Mulh. Aqui tem boas couves, menino, merque comigo.

Esop. Devéras, que a menina das couves não he máo repolho para a panella do amor.

Mulh. Olhai quem talla em amor! Tira-te lá, espantalho, não me enguices a venda.

Esop. Eu nunca vi Venus com venda. Vem vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que são dous valentes carneiros.

1. Escr. Dize-lhe dessas.

Esop. Xiton, que ahi vem nosso Patrão direito como hum fuso: esperem, esperem, que elle lá vai para a feira das bestas. Ah Senhor, aonde vai? Tambem Vossa Mercê se quer vender?

Zen. Que dizes, bruto?

Esop. Que? Arre para cá, não se troque Vossa Mercê, ao depois não o poderemos conhecer, e quando não ponha hum sinal na orelha, e vá-se.

Zen. Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

Sabem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.

Xant. Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

Periand. Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

Xant. Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas:

nas praças vende-se , e nas Aulas argumen-
ta-se.

Ennio. Diz bem o nosso Mestre : vós , Perian-
dro , sois terrivel.

Periand. E vós , Ennio , tambem me quereis re-
prender? He o que me falta!

Zen. Senhor Filsofo , Vossa Mercê por ventura
quererá comprar algum destes escravos?

Xant. Eu só venho comprar hum jumento para
a nora da minha quinta.

Esop. Eu nunca vi Filosofo com quinta. *á p.*

Xant. Porém se com tudo mo accomodar no
preço , não se me dá de comprar hum escravo.
Anda tu cá ; que sabes fazer ?

1. *Escr.* Tudo.

Xant. E tu?

2. *Escr.* Eu tudo sei fazer.

Periand. Quem tudo sabe , nada sabe.

Xant. E tu , monstro , que sabes fazer ?

Esop. Nada , graças a Deos.

Xant. Homem , (se he o que és) he possivel
que não saibas fazer cousa alguma ?

Esop. Senhor , não se admire Vossa Mercê , que
como estes meus companheiros tomáráo por sua
conta o fazer tudo , não ficou para mim nada.

Periand. Que diz Vossa Mercê da reposta , Se-
nhor Xanto ?

Xant. Está com subtileza : ora dize-me , como
te chamáo ?

Esop. A mim chamáo-me como me querem cha-
mar : não ha meia hora que huns me chamá-
ráo Poeta , e outros carcunda.

Xant. Pergunto o teu nome.

Esop. Eu, Senhor, com perdão de Vossa Mercê chamo-me Esopo.

Xant. Donde nasceste?

Esop. Do ventre de minha mãe.

Xant. Não me entendes? Em que lugar nasceste?

Esop. Também não me disse minha mãe se me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahí a algures ao pé de alguma cousa.

Periand. Ennio, o escravo tem atacado ao Filosofo nosso Mestre.

Xant. Ou és mui simples, ou mui velhaco: pergunto-te, de donde és natural?

Esop. A que d'ElRei, Senhor, eu sou legitimo, não sou natural.

Xant. Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

Esop. Isso he outra cousa: sou de donde me vai bem, que ahí he a minha terra.

Xant. Na verdade, que me tem admirado as repostas deste escravo! Hei de comprallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

Zen. Pois não quer estes dous que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas como Vossa Mercê vinha comprar hum jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

Xant. Eu, Senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

Zen. Huma vez que Vossa Mercê assim o quer todas as vezes que me der dez moedas leve-o.

Xant. Aqui as tem.

Esop. Que diabo estarão fallando huns com os

outros, apontando para mim? Eu estou vendido aqui.

Xant. Esopo, anda comigo, que te comprei. *á parte.*

Zen. Esopo, vai com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.

Esop. Não disse eu que estava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filosofo; mas saiba que ambos vamos vendidos.

Xant. De que sorte?

Esop. Eu, porque Vossa Mercê me comprou, e Vossa Mercê porque não sabe o que leva em mim.

Xant. O que eu levo em ti bem o sei.

Ennio. Vamos, vamos para casa, que he tarde.

Esop. A Deos, a Deos, meus amados companheiros, despeçamo-nos depréssa antes que as lagrimas tenham noticia da nossa despedida, que se ellas o sabem logo virão aos cardumes.

A Deos: olhai, se vossês fugirem não seja para Braga, que he má terra para captivos.

Amb. Escr. A Deos, amigo.

Zen. Esopo, não te despedes de mim?

Esop. Como Vossa Mercê me despedio de si para sempre, não queira outra vez despedir-se. Vamos, Senhores.

S C E N A II.

Mutação de Camera. Sabem Filena, e Geringonça.

Filen. F Allaste a Periandro?

Ger. F Por mais que andei aqui para alli não o pude vêr.

Filen. Valha-te o demo, maldita, que não tens prestimo para nada; como hei de passar daqui até á noite sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

Ger. Se são da madre, case-se, e deixe-me já com taes amores; porque Vossa Mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.

Filen. Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dêra saber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

Sabe Euripedes.

Eurip. Como he isso de meu querido Periandro?

Ger. Temos o caldo entornado.

Filen. Mofina de mim, que minha mãe me ouviu!

Eurip. Com que vossê já tem queridos? Está muito bem, teu pai o saberá, desavergonhada.

Filen. Eu não sei o que Vossa Mercê diz.

Eurip. Não sabes o que eu digo? Pois eu sei o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos ás rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah ve-

Ihaca, sonça, solapada! Com que o Senhor Perianandro he o vosso amante? Por isso elle tomou por Mestre a teu pai, para ter pé de vir aqui todos os dias.

Filen. Olhe, minha mái... porque eu... quando... sim...

Eurip. Que diabo dizes? Que fallas, que nem atas, nem desatas? Resta-me agora, que te queiras desculpar.

Filen. Pois eu que fiz? Olhe que está boa!

Ger. Eu vou-me çurrando, que esta trovoadá ha de parar em agoa. *Vai-se.*

Eurip. Isto me faz desesperar: tu podes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

Cantão Euripedes, e Filena a seguinte
ARIA A DUO.

Eurip. Ingrata filha!

Filen. Brava máisinha!

Eurip. Sempre doudinha
Te hei de encontrar!

Filen. Sempre doudinha
Me ha de chamar?

Eurip. Tu com amores!

Filen. Eu! Não ha tal.

Eurip. Para que negas?

Filen. Eu! Não ha tal.

Eurip. Eu bem ouvia,
Que lhe dizias,
Que lhe querias,
E que morrias;
Tudo sei já.

Filen. Basta máisinha

De consumir-me.

Ai, ouça cá.

Eurip. Ai, guarda lá.

Amb. Não quer ouvir-me:

Filen. Ai, ouça cá.

Eurip. Ai, guarda lá.

Sabem Xanto, Periandro, e Esopo, que ficará como escondido.

Xant. Esopo, espera aqui detrás desta cortina.

Esop. He mui boa sala vaga!

Xant. Amada Euripedes, tardei muito?

Eurip. Isso he do costume antigo; donde vem a estas horas, tamanhão?

Esop. Ella he desta casta? Boas novas para o pai da criança. *á parte.*

Xant. Ora não te agastes, que se tardei, arrecadei.

Eurip. Que arrecadei? Que he o que me trazes da feira?

Filen. He para mim, paisinho?

Eurip. Sim, tudo ha de ser para ella, não ha de ser senão para mim.

Xant. Pois saibamos, para quem ha de ser?

Amb. Para mim.

Xant. Pois lá se avenhão com elle, ahi o tem; *Sabe Esopo.*

Eurip. Que horrivel fantasma!

Filen. Que enorme espectaculo! Fugamos, minha mãe.

Eurip. Ai, Senhores, que estou para me desmaiar; ai, que elle se vem chegando! A'que d'ElRei!

Esop. Ora eu não cuidava que era tão feio, que mettia medo!

Sabe Geringonça.

Ger. Que gritos são estes, Senhora? Mas aí, coitada de mim, que demonio tão feio!

Periand. Boa a veio Vossa Mercê fazer, ella lhe dará o recado.

Eurip. Deite-me esse monturo pela porta fóra, não o quero em casa, nem hum instante.

Xant. Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa com que se desentade, e se alegre.

Esop. Supponha Vossa Mercê que se me seccou a proza, e que estou na hora do burro.

Xant. Dize-lhe alguma cousa sequer.

Esop. Já que me puxa pela lingua deixe-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Euripedes, que Vossa Mercê se agaste com o Senhor seu marido, por lhe comprar hum escravo feio; pois que queria? Queria hum servo gentil-hommein para ficar captiva delle? Queria hum rapagão roliço, alvo, e louro, olhos azues com corpo á Ingleza, e pernas á Franceza, para que logo meu Senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si, e saiba estimar-me, que eu lho saberei merecer.

Eurip. Ai, só isso me fizera agora rir: és engraçado, já te vou perdendo o medo.

Xant. Tu não sabes as prendas de Esopo: eu te prometto que gostes delle.

Eurip. Vem cá Esopo, chega-te para mim.

Esop. Agora tambem não quero, que tenho me:

do de Vossa Mercê. A'que d' ElRei, que ta-
rasca! Quem me acode, que me desmaio?

Eurip. Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem
para mim; és mui feio!

Esop. Isso he mercê que Vossa Mercê me faz.

Filen. A cara parece hum mono.

Esop. Ora não me lisongêe.

Ger. Ai, Senhora, cá lhe vi huma corcova atrás.

Esop. Valha-te o demo a lingua, que me desco-
briste huma falta, que ninguem a havia ver se
tu o não disseras.

Eurip. Ainda mais essa temos, he corcovado!

Esop. Bem podem montar em mim, que ainda
que sou corcovado não faço corcovas.

Xant. Deixem ao pobre Esopo, que assim co-
mo he tem muito prestimo.

Eurip. Que habilidades tens, Esopo? Sabes can-
tar?

Esop. Qual he o captivo que não sabe cantar al-
son del remo, y de la cadena?

Eurip. Sabes tanger?

Esop. Sei tanger bois muito bem.

Eurip. Sabes lêr?

Esop. Não Senhora, escrever sim.

Filen. Meu pai, eu quero que Esopo seja meu
Mestre, e que me ensine a lêr, e a escrever.

Xant. Sim, Esopo, tu has de ensinar a esta ra-
pariga a lêr, e a escrever, ahí ta entrego.

Esop. Testemunhas me sejam todos, que o Se-
nhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois
não se queixe, e ella não tem mãos bigodes!

á parte.

Periand. Ora Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que ha de ser célebre.

Esop. Senhor, a minha vida he mais larga que comprida.

Eurip. Dize, Esopo, dize alguma cousa.

Esop. Ora vá de historia, gerou-me meu pai, e foi cousa para ver, que tanto que meu pai me gerou, logo minha mãe se sentio prenhe, e ficou tão soberba, que tudo lhe enjoava, engordou tanto, que em nove mezes se fez como huma bola; em fim, se não pare arreben-ta; derão-lhe as dores, e ao primeiro puxo sahio este criado de Vossa Mercê, e logo fui tão cortez, que cahi prostrado aos pés de minha mãe; pois só a esta devia pagar as parias, porque não falta quem diga que minha mãe me pario de hum só parto, podendo-me parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres erão as que parião, e não como agora, que pare quem quer: notou-se no meu nascimento, que eu nascêra nú, e em pelle, e como nascia para ser escravo, logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãe era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar; em fim, fui crescendo aos palmos, e apenas tinha sete annos logo comecei a fallar tão perfeita-mente, que não se me entendia palavra; toda a minha vida foi sempre prodigiosa, de sorte, que já anda em livros por todo o Mundo, e agora me dizem, que se está representando no Bairro Alto.

Periand. Notavel he a tua vida!

Xant. Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

Eurip. Vamos, Filena.

Filen. Periandro, logo fallaremos, não te ausentes.
Vão-se.

Periand. Aqui ficarei esperando por esse Sol, que me anima. Ai, amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros que exhala accende as chammas nos sacrificios que vota?

Sabe Filena.

Filen. Periandro, seguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindo-se com Esopo, que sem duvida amor o trouxe aqui para que seja o terceiro de nossos amores.

Periand. Essa fortuna á devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondencia; e porque agora fallámos de amor, escuta, Filena, a fraze das melhores expressões.

S O N E T O.

Minha amada Filena, doce emprego,
De amorosos enleios labyrintho,
São taes as ancias que amoroso sinto,
Que sem morrer mil vezes, não socégô.
Em mar de pranto misero navego
Quando amante naufrago; porem minto,
Porque eu mesmo o martyrio já consinto,
Pois busco as penas morto, as luzes cégo.

Oh morra já minha alma enternecida!
 Oh viva alegre nessa luz serena!
 Contento aspiro tão ditosa lida;
 Pois consegue esta dôr, que me condemna,
 Hum triunfo a teus olhos cada vida,
 Cada morte huma gloria á minha pena.

Filen. Periandro, as tuas finezas por encarecidas,
 me parecem mais lisonjas que realidades, e as-
 sim appello para o tempo, que só este será o
 fiador da tua constancia; porque sendo tu firme
 eu não deixarei de ser leal.

Periand. Formosa Filena, ainda duvidas da mi-
 nha lealdade? Não tens lido nos caracteres de
 meus suspiros as firmezas de meu amor? Não
 vês no espelho das minhas lagrimas a imagem
 dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem,
 que a pezar de tudo hei de ser sempre firme,
 constante, e leal.

Canta Periandro a seguinte

A R I A

Primeiro verás, Filena,
 Enregelar-se o fogo,
 Mover-se o duro monte,
 Cahit esse horizonte,
 Que em meu amante rogo
 Se encontre o variar.

Se pois amor ordena,
 Que adore essa belleza,
 Será minha firmeza
 Eterna em te adorar.

Vai-se.

Filen. Escuta, Periandro; meu bem, aonde *vai-se?*

Sabe Esopo.

Esop. Que hei de escutar? Que he o que diz?

Filen. Ai! E's tu, Esopo? A bom tempo viezste.

Esop. Sim vim a bom tempo, mas eu lhe empatei o cozimento.

Filen. Meu Esopo, tenho hum favor que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

Esop. Diga, diga, não gaste tempo, que pôde vir seu pai: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *á parte.*

Filen. Bem sabes, Esopo, que não ha peito tão isento, que não sinta as violencias do amor.

Esop. Que mais?

Filen. Isto supposto, saberás que quero bem... não sei como to diga.

Esop. Eu estou vendo que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *á parte.*

Filen. Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cego, e em nada repara.

Esop. Que mais claro mo há de dizer? A pobrezinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor he cego, e he monstro, e que para captivar as almas, como cego, não repára em qualidades, e como monstro não se lhe dá de perfeições; quer Vossa Mercê dizer, que apenas me vio logo se rendeo, e que estala de amor por mim; se he isso esteja descansada, que lhe quero tambem muito, muito.

Filen. Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor!

Esop. Olhe Vossa Mercê , pois achava eu que não era nenhum desproposito , porque me tinha logo aqui á mão dentro de casa sem o ir buscar á rua.

Filen. Eu quero bem a Periandro , e como lhe não posso fallar as vezes que quero , tu has de ser o medianeiro da nossa correspondencia.

Esop. Isso por outra fraze vem a ser alcoviteiro. Não he nada !

Filen. Pois que dizes ?

Esop. Senhora , em mim está mal o officio de camaleão ; isso não se acha em mim.

Filen. Meu Esopo , olha que to hei de agradecer , e Periandro tambem.

Esop. Senhora , tudo se póde fazer sem que perigüe o meu credito , e o seu amor , e poderemos ambos ficar bem.

Filen. De que sorte ?

Esop. Desta sorte : eu o que poderei fazer he levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro , ou escrever-lhe alguma carta em seu nome , e fazer tudo o que Vossa Mercê me mandar ; mas ser alcoviteiro , isso por nenhum modo.

Filen. Aceito o favor que me fazes.

Esop. Ah tyranna , não basta comer-me o amor , mas ainda me esfregas com zelos ? Pois por vida de Esopo , que...

Filen. Quero pois , Esopo , que digas a Periandro , que ao pôr do Sol...

Sabe Xanto.

Xant. Que fazes ahi , Esopo ?

Esop. Estava para dar lição á menina , e ella não queria.

Filen. Bem remediou. *ad parte.*

Xant. Isso tem tempo; Filena, vai para dentro.

Filen. Que não podesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. *a p. vai-se.*

Xant. Esopo, és capaz de guardar hum segredo?

Esop. Conforme a parte onde eu o puzer.

Xant. Bem sabes que sou teu Senhor, e que se me tores leal terás a liberdade, e assim saberás que eu sou fragil.

Esop. Isso sei eu, diga o mais.

Xant. E que em materias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas, huma nos olhos, outra no entendimento.

Esop. Rico amor, será esse com duas vendas.

Xant. Com que, não sei que diabo de feiticos me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

Esop. Ora tenha vergonha; hum Filosofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira? Em que consiste a sua Filosofia? visto isso todos somos huns?

Xant. Olha tu, tambem o amor he Filosofia das almas, onde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

Esop. Visto isso eu tambem sou Filosofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

Xant. Quem duvida que se tens amor, que tambem és Filosofo?

Esop. Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por Filosofo, mas não o queria dizer com vergonha.

Xant. Com que, Esopo, eu morro por Gerin-gonça.

Esop. Quem he Geringonça?

Xant. He esta criada de casa.

Esop. Olhe Vossa Mercê, agora sei que tem bom gosto, pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo he, que todo o amor he geringonça.

Xant. Dizes bem; porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condição, e não sei se já presume alguma cousa, he-me preciso tratar isto com mais cautela, e assim tu has de ser o meu remedio.

Esop. Purgativo, ou vomitorio?

Xant. Purgativo não, ha de ser vomitorio; porque lhe has de dizer, que á noite me falle no jardim, e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

Esop. Senhor, isso ninguem tal faz, se vandijar Vossa Mercê hum jardim com huma criada; e então onde havia Vossa Mercê fallar a huma Senhora?

Xant. Não vês tu que a necessidade não tem lei por amor, e o jardim por mais retirado he o melhor lugar.

Esop. Pois se a necessidade não tem lei, por amor dessa necessidade falle-se á criada em huma secreta que he parte privada.

Xant. Ora deixa disparates, isto te encomendo lhe digas; olha não o saiba viva alma.

Esop. Eu lhe prometto que ninguem o saiba.

Xant. Mas ella ahi vem, eu me retiro, por mo não achar aqui minha mulher, e dize-lhe tu o que te disse; Esopo, segredo, que importa,

Vão-se.

Sabe Geringonça.

Ger. He possível, Esopo, que ainda não tivesses huma hora para me fallares?

Esop. He possível, Geringonça, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

Ger. Esopo, ouve-nos a!guem, que te quero communicar hum segredo?

Esop. Ui, Senhores! Eu cuido que estou prezo nesta casa, pois sempre estou em segredo. *á p.*

Ger. Dize, posso fallar?

Esop. Se não tens estupor na lingua bem podes fallar.

Ger. Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

Esop. Daqui a pôr-me na forca não vai nada; mulher, eu furtei-te alguma cousa?

Ger. Ah ladrão das almas!

Esop. Ladrão das almas? Eu nunca andei com a bacia.

Xant. Não he nada, a moça namorou-se de Esopo! *á part.*

Ger. Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

Esop. Se estás perdida de amor perde tambem as esperanças; mas dize-me, mulher do diabo, que achaste em mim para me queres bem? Namorou-te este feitio?

Ger. O meu amor tem mais de pezo que de feitio.

Esop. Namorou-te esta calva?

Ger. Não vês que a occasião he calva, e tu foste a occasião do meu amor?

Esop. E estas pernas zaimbras são também occasião de tu me quererem bem?

Ger. Forão os aicos por onde o amor despedio as setas.

Esop. Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

Ger. Essa corcova foi o monte de Venus onde achei a minha buena-dicha; mas para que te cansas, se para o meu gosto és hum Adonis, e hum Narciso?

Esop. Ora tomem-se lá com este Adonis, e com este Narciso!

Ger. Ora Esopo, para que te cansas, quem o feio ama, formoso lhe parece.

Canta Geringonça a seguinte

A R I A.

Tens tal dengue, tens tal graça,
Que assim mesmo corcovado,
Escalvado,
Arreganhado,
Me namora esse rigor.

Ai, amor, que linda traça.
Para me render, achaste,
Se em Esopo cabeçudo,
Narigudo,
Barrigudo,
Tenho posto o meu amor.

Esop. Mulher, requeiro-te da parte de Deos, quem em me quererem bem não sabes o que fazes; vai-te dahi, que quem se namora de mim he capaz de se namorar de hum burro.

Ger. Tu me desprezas? Olhem a que chegarão

os meus peccados! Vejão quem! Hum calvo!

Esop. Qual calvo; não vês que esta calva foi a occasião do teu amor?

Ger. Tu me desdenhas, zaimbro?

Esop. Agora zaimbro, são os arcos por onde amor despedio as settas.

Ger. Tu mo pagarás; corcovado.

Esop. Isto não he corcova, he o monte de Venus.

Ger. Vai-te dahi, cão com trambolho. *Vai-se.*

Esop. Vai-te, cadella com almorreimas.

Sahe Xanto.

Xant. Escravo desaventurado, porque não disseste o que mandei dizer a Geringonça?

Esop. Como o havia de dizer, se Vossa Mercê me disse que o não soubesse viva alma?

Xant. Isso não se entendia com Geringonça.

Esop. Tenha mão, agora o colho. Vossa Mercê me disse que o não soubesse alma viva; *atqui* que Geringonça he alma viva; *ergo* Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

Xant. Não te quizeta tão Filosofo agora.

Esop. Como Vossa Mercê me disse que amor era Filosofia, quiz tomar bem a lição.

Xant. Tal estou de raiva, que te matara agora, não te aconteça outra; quando te mandar fazer alguma cousa faze-a como te mando.

Esop. Eu o farei.

Xant. Andar, não tem remedio: ouves tu, á manhã tenho de dar hum banquete aos meus discipulos, e te encommendo me ponhas na meza a melhor cousa do Mundo.

Esop. Encomende-me cousas de comer; que disso darei eu melhor conta. *Vai-se.*

S C E N A III.

Mutação de Sala, e sahirão Periandro, e Ennio.

Periand. **E** Nnio, vós também sois convidado para o banquete de Xanto nosso Mestre?

Ennio. Os favores particulares, Periandro, serão só para vós; porém os públicos serão para todos.

Periand. Eu não vos entendo.

Ennio. Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem público he que vós andais namorado de Filena, e sendo eu vosso amigo, e condiscipulo, recatais de mim cousa que he tanto do vosso gosto?

Periand. Não me crimineis de não vos ter revelado este negocio, pois bem sabeis que o segredo he alma do amor; e tanto o desejo recatar, que tomára de mim mesmo encobrilho; he verdade que eu amo a Filena, porque a sua formosura pôde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não passa os limites da modestia.

Ennio. Como lhe podeis fallar, tendo huma mãe de tão terrivel condição?

Periand. Quiz a fortuna trazer para isso a Esopo; que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

Ennio. Ui! Tem mais essa habilidade?

Periand. He Juiz do officio, e Padre Mestre na materia.

Sabe Esopo.

Esop. Vossas Mercês vierão a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

Ennio. Vamos ver os teus cosinhados. *Vai-se.*

Periand. Esopo, que novas me dás de meu bem?

Esop. A boas horas me pergunta pelo seu bem, ao mesmo tempo que me está a boca do estomago gritando, que quer comer.

Periand. Pois falla-me ao depois. *Vai-se.*

Descobre-se hum meza, e se irão assentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.

Xant. Vamo-nos assentando sem cerimonia, que nos banquetes não ha Mestre, nem discipulos. Mandei a Esopo que me puzesse nesta meza a melhor cousa do Mundo, veremos com que elle se desempenha.

Periand. Com alguma parvoice; se Vossa Mercê se fiou da sua eleição ficaremos em jejum.

Ennio. Vamos nós comendo o que está na meza pelo sim pelo não, que elle já tarda.

Sabe Esopo com hum prato.

Esop. Eis-aqui a melhor cousa do Mundo.

Xant. Descobre, e veremos.

Esop. He hum prato de linguas.

Xant. Hum prato de linguas? Como? Pois isso he a melhor cousa do Mundo?

Esop. Qual he a dúvida que a melhor cousa do Mundo he a lingua? Que cousa mais necessaria no homem, que a lingua! Sem lingua

ninguém pôde fallar, sem fallar ninguém se entende. A lingua he alma dos conceitos, he o corrector dos commercios, he a taramella das portas da boca, he a prancha dos comeres, he o esgaravatador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato, com a lingua faz o Arrieiro a célebre cantiga, &c. em fim, a lingua do cão he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

Xant. Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a lingua he oraculo do homem; porém havemos só comer linguas?

Esop. Senhor, muitos comem do que fallão.

Periand. Esopo fez o que lhe mandarão, como bom servo.

Xant. Humas vezes que a melhor cousa do Mundo são as linguas, traze-me agora aqui a peor cousa do Mundo.

Esop. Com muito gosto; eu venho já. *Vai-se.*

Periand. He lastima que seja eativo quem tem tão livre o juizo para discorrer.

Ennio. Não he essa a primeira semrazão da natureza.

Xant. Que diabo fazes, Esopo?

Esop. Eis-aqui a peor cousa do Mundo. *Sabe.*

Xant. Que he isso, que trazes?

Esop. Outro prato de linguas.

Xant. Pois como? Se a melhor cousa do Mun-

do são as linguas, como agora as linguas são a peor cousa do Mundo?

Esop. He Filosofo, e não sabe que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo, a peor he huma lingua má? Huma lingua má he o estrago da honra, ella he a mãe dos mexericos, o pai dos enredos, a irmã das discordias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a sarna do socego, a carepa das consciencias, o despertador das vinganças, e o instrumento da alcovitice; não he assim, Senhor Xanto?

Xant. Dizes bem, eu te perdôo a peça; e pois não ha outro remedio, vamos comendo essas linguas, e bebendo duas pingas: ora lá vai á saude de Vossas Mercês. *Bebe.*

Esop. Isso me parece bem; accendão-se no templo da barriga as alampadas de Baccho.

Periand. Lá vai á saude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

Esop. Tem razão, vá a virar.

Ennio Periandro, lá vai, já me entendeis. *Bebe.*

Periand. Vá, eu correspondo. *Bebe.*

Esop. Eu com esta garrafa irei fazendo as razões: lá vai, ou cá vem á saude dos meus achaques.

Xant. Que achaques tens?

Esop. Agora tenho gotta. *Bebe.*

Periand. Ennio, nosso Mestre não está todo trigo.

Xant. Mui valente foi Hercules Thebano! Esopo, vamos queimar estes cães.

Esop. Ai, ai, que está puxado!

Periand. Apostemos nós que Vossa Mercê não ha de beber hum tonel de vinho.

Xant. Sou capaz de beber o mar, tenho dito.

Esop. Não zombem com elle, que não só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praia.

Periand. Ora quanto aposta Vossa Mercê que não bebe o mar?

Xant. Aposto tudo quanto possuo.

Periand. Está apostado, venha sinal.

Xant. Este anel.

Periand. Está feito, quando ha de ser isso?

Xant. Quando quizeres.

Esop. Vão fallando, que eu vou bebendo.

Xant. Esopo, leva essa lingua a Geringonça, que com ella lhe explico o meu amor.

Esop. Assim o farei: Esopo, hoje podes beber francamente.

Xant. Viva Baccho, e morra o Mundo. *Levantão-se.*

Esop. Morra o Mundo, e abraze-se Troya.

Periand. Ambos estão mui bebados.

Ennio. Estou envergonhado de ver esta lastima! Nisto parão os banquetes!

Esop. Estou tão alegre que o corpo me pede folia.

Xant. E a mim cóleras, e iras, e parece-me que ouço instrumentos bellicos.

Esop. Eu cuido que são bandurras; ellas são, não são? Sim são, escute, escute, são, são, ellas são, pois cantemos.

Canta Esopo o seguinte
RECITADO.

Lá vai á saude dos Senhores,
E em suave licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropezia:
A pezar do pezar, e do cuidado;
Vestir quero a minha alma de encarnado;

A R I A.

Nas guerras de Baccho
Sem chuço, ou bayoneta
Com esta trombeta
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,
E ao som deste som, torom tom, tom;
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tavernas,
Porque dellas possa
Baccho triunfar.

S C E N A IV.

*Mutação de Camera. Sabem Euripedes;
e Geringonça.*

Eurip. G Eringonça, que fizeste até agora?

Ger. Estive na cozinha dando ordem ao banquete, e o negro Esopo me deo tanta pressa, que andei atarantada.

Eurip. O diabo levára os banquetes. Que ha de ser, se o tonto de meu marido deo-lhe hoje na birra fazer brodios, e nisso tem consumido o dote que me deo meu pai.

Ger. Ai, Senhora, tambem Vossa Mercê agora não tem razão; elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, não vejo entrar nesta casa mais que chicharos, e nabos.

Eurip. Oh desavergonhada, essa he a fama que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez réis de pepinos, e já não ha nenhum.

Ger. A minha barriga o sente.

Eurip. Bem sei que o teu mal não he outro, velhaca!

Sabe Esopo com hum prato na mão.

Esop. Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer sem ti.

Eurip. Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

Esop. Como lho hei de dizer? Soletrando? A Geringonça em Geringonça.

Ger. Senhora, elle cheira muito a vinho, não sabe o que diz.

Eurip. Assim o creio, mostra que he para mim.

Esop. He huma balla, he para Geringonça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella, e por sinal me disse lhe dissesse que com esta lingua explicava o seu amor.

Ger. Não te calarás, infame?

Esop. Tira-me tu a lingua, que eu me calarei.

Eurip. Pois que tem teu Senhor com Geringonça para lhe mandar presentinhos?

Esop. Eu, Senhora, não sei, mas o que sei he

que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregão, ou barregana, não sendo senão camelão.

Eurip. Não te entendo.

Esop. Senhora, mais claro; meu Senhor quer-se fazer moço com a moça.

Eurip. Já te entendo.

Esop. Ora graças a Deos, que já me entendeu.

Ger. Eu estou tonta!

Eurip. He bem feito isto, atrevida? Tu desenguietando-me o meu homem! Ha maior desaforo!

Ger. Eu, Senhora? Não ha tal. Esopo mente.

Esop. Lá se avenhão, que eu me vou escafesdando.

Vai-se.

Eurip. Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer.

Dá-lhe.

Ger. A'que d'ElRei, que me mordeo no nariz.

Eurip. Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

Ger. Ai que me matão!

Há huma bulha, e sabe Xanto.

Xant. Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha!

Eurip. Ainda acoda por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça! Vossê mandando-lhe pratinhas da meza?

Xant. Quem tal disse, mulher?

Eurip. Quem o disse? Ainda ha de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o, e verá.

Xant. O' Esopo? Esopo?

Dentro Esop. Estou na tinta; assim sou eu asno que appareça agora.

Xant. Não me ouves, Esopo? O' Esopo?

Esop. Estou zingando.

Xant. Ora eu te irei buscar, mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito?

Esop. Se eu quizera dizello então não me escondêra.

Xant. Anda para cá, insolente, que fazias ahí escondido?

Esop. Estava jogando as escondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

Xant. Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Gerin-gonça algumas linguas?

Eurip. Tu não disseste?

Esop. Senhor, eu não quero metter a mão entre duas pedras; olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

Eurip. Tu não mo disseste?

Esop. Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas Mercês lá brigão, lá tem seus ciumes, e eu então he que hei de pagallo?

Eurip. Como he isso? Tu o não negues; basta, fique-se com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pai. Estou ardendo. *á parte.*

Xant. Senhora, não se vá de casa por vida sua.

Esop. Deixe-a ir, que he huma boca menos em casa.

Eurip. Por estas, birbantão, que eu me verei vingada.

Xant. Falle bem, aliàs...

Eurip. Ainda me indignas mais ? Hei de arrancar-te essas barbas.

Cantão Euripedes, e Xanto a seguinte
ARIA A DUO.

Eurip. Velho caduco,

Xant. Brava insolente,

Eurip. Tu com desvélos
Com huma michélla?

Xant. Calte, serpente,
Não grites mais.

Eurip. Hei de gritar.

Xant. Ques-te callar?

Eurip. A'que d'ElRei,
Que meu marido
Com torpes zelos
Me quer matar.

Xant. Calte, serpente,
Não cuide a gente,
Que faço tal.

Eurip. Por estas, velhaquete,
Que me hei de vêr vingada.

Xant. Ô' louca arrebatada,
Que me has de tu fazer?

Eurip. Hei de me ir para casa de meu pai.

Xant. Para casa te irás de Satanás. *Vai-se Eur.*

Esop. E foi-se como hum foguete de rabo; porém eu hei de levar os estouros.

Xant. E agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

Esop. Mereço hum bom premio.

Xant. O premio ha de ser este; toma, velha-
co. *Dá-lhe.*

Esop. Não aceito, tire-se para lá.

Xant. Vês, infame, que por amor de ti se foi minha mulher de casa?

Esop. Senhor, cuidava eu que Vossa Mercê me havia de agradecer o affugentar-lhe de casa hum dragão, huma vibora, e hum basilisco, que era aqui o veneno desta casa, e sobre fazer-lhe este bem, ainda Vossa Mercê se agasta, e senão veja: he certo que Vossa Mercê queria fallar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor occasião podia Vossa Mercê ter do que indo-se de casa a Senhora sua mulher, pois agora sem sustos, nem sobresaltos pôde fallar com ella, não só no jardim, porém em cima do telhado? Com que, Senhor, por bem fazer mal haver.

Xant. Bem sei tudo isso; mas que dirão os parentes de minha mulher?

Esop. Peior será quando Vossa Mercê perder tudo quanto possue.

Xant. De que sorte?

Esop. De que sorte? Não se lembra que prometteo no banquete beber o mar, e se o não fizesse, que perderia toda a sua fazenda?

Xant. Eu disse tal cousa?

Esop. E por sinal que deo o seu anel; com que Vossa Mercê ha de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda.

Xant. Mal haja o banquete, e mal haja o vinho, e mal haja eu que me embebedei.

Esop. Vossa Mercê cuida que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que tambem

me embolquei, mas com tanta prudencia, que não me metti a apostar, nem a não apostar.

Xant. Já não tem remedio, o ponto está, como me hei de eu haver; porque confessar que estava bebado, he injúria, e grande ignominia; beber o mar he impossivel, perder os meus bens impraticavel; que farei neste caso, Esopo?

Esop. Matar-se com hum pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

Xant. O' Jupiter, para quando guardais os raios?

Esop. Ha de dizer isso a Baccho, e não a Jupiter.

Xant. Meu Esopo, agora he que eu quero vêr as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

Esop. Pois, Senhor, para quando são as suas Filosofias? Assentemos nós, que a Filosofia não serve senão para argumentar, e quebrar a cabeça.

Xant. Pois homem, para esta occasião he que eu quero que me valhas, tens a liberdade, já to disse.

Esop. Promette-me a liberdade? Veja lá o que diz.

Xant. Prometto.

Esop. Levante o dedo para o ar.

Xant. Não só o dedo, mas toda a mão.

Esop. Ora pois, ande comigo, que o tirarei desse mar, e o porei em porto salvo.

Xant. Vê lá o que dizes.

Esop. Ande, ande, que mal sabe com quem vai.

Vao-se.

S C E N A V.

Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sahirão Periandro, Ennio, e os mais que poderem.

Dentr. **V**amos vêr a Xanto beber o mar.

Outr. **V**amos para a praia, andem depressa, para tomarmos lugar.

Sahem Periandro, e Ennio.

Periand. Confesso-vos, Ennio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sei que Xanto não ha de beber o mar.

Ennio. Deixai, que isso he bom para se dar hum alegrão ao povo.

Periand. A gente vem concorrendo cada vez mais.

Sahem Filena, e Geringonça com os rostos cobertos.

Ger. Senhora, ahi o que está de gente para vêr as habilidades do Senhor seu pai!

Filen. O caso he, Geringonça, que meu pai está mui caduco, e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer que ha de beber o mar?

Ger. Lá está Periandro, e Ennio.

Filen. Já os vi, tem sentido, e não os percas de vista.

Ger. E se nos conhecerem aqui?

Filen. He impossivel entre tanta multidão de gente, e mais vindo nós disfarçadas.

Periand. Muito tarda este bebedor dos mares.

Sahem Xanto , e Esopo , e todos darão muitos gritos , e rizadas.

Tod. Victor, lá vem o bebedor dos mares !

Esop. De que se riem? De que fazem algazar-
ras? Pois saibão que o Senhor Xanto não só
he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe
mandarem beber.

Xant. Esopo, que he o que determinas fazer?
Não vês este povo alvoroçado, e o meu cre-
dito em balanças?

Esop. Eu serei o fiel dessas balanças, e verá quan-
to péza o meu talento.

Periand. Senhor Xanto, por Vossa Mercê se es-
perava, vamos a isto.

Xant. Esopo, e agora que hei de dizer.

Esop. Valha-o mil diabos, não tema, tenha va-
lor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto,
meu Senhor, aqui vem para beber os mares,
como apostou, e assim primeiro que o faça
quer desencarregar a sua consciencia; pois be-
bendo o mar, como com o favor de Deos o
ha de fazer, porque tem barriga para tudo;
eis-que bebido o mar, por força o ha de ou-
rinar; e urinando-o ha de alagar toda esta ter-
ra, e morrerão todos afogados.

Periand. Para tudo ha remedio, depois que Xan-
to beber o mar, torne a ourinallo na mesma
praia, e irá o mar para o seu mesmo lugar.

Xant. Está bem; e se os peixes me entrarem pe-
la goela, como ha de ser isso?

Esop. Não diga asneiras; pois para não engolir
os peixes pedia beber o mar por hum funil:

essa não he a dúvida, o caso he, que prometteo beber o Senhor Xanto?

Periand. Prometteo beber o mar.

Esop. Pois bem, como a aposta foi de beber o mar sómente, mandem fechar todos os rios que vão dar ao mar; porque de outra sorte beberá, não só a agoa do mar, mas tambem a dos rios, o que não he da aposta.

Periand. Como he possivel fechar quantos rios vão dar ao mar?

Esop. Se Vossas Mercês não podem fazer hum impossivel, tambem meu Senhor não póde fazer outro impossivel..

Ennio. Tem razão Esopo.

Xant. Fechem os rios, e eu beberei o mar, para que estou prompto.

Periand. Isso he impossivel, desfaçamos a aposta.

Xant. Desfaçamos.

Todos. Victor Xanto!

Outr. Victor Esopo!

Esop. Victor eu, e victor amigos!

Xant. Anda, que te quero dar a liberdade, pois me livraste deste empenho. *Vai-se.*

Esop. Vamos a casa de hum Tabellião para passar-me a carta de alforria; vou tão contente! *Vai-se.*

Filen. O' Geringonça, não te descubras, que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

Ger. Diz bem, vejamos o que faz.

Periand. Senhoras, querem hum criado para as acompanhar? Não lhe merece reposta o meu rendimento? Só com acenos me dizem que

não? Valha-me Deos, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hei de seguilla. Não te vás, formosa Venus, que sem dúvida nasceste agora das espumas desse mar, para abraçar os corações; se como a Deidade te adoro, não desprezes as victimas de hum coração; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem; não importa que me cêgues com raios, se amor já me cegou com delicias.

Filen. Huma vez que queres que me descubra, aqui me tens.

Ger. E a mim tambem. *Descobrem-se.*

Periand. Que he o que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir sem que me fallasses?

Filen. Queres agora dizer, que sabias que era eu, falso, ingrato, inconstante? Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

Periand. Filena, não tens razão; eu bem sabia que eras tu; mas como estavas galanteando comigo, eu tambem quiz fingir que não te conhecia, sómente para te ouvir; e quando isto não fora, ahi verás que quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não a outrem; pois ainda que te não conhecesse, não sei que sympathico influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo.

Filen. Sempre me offendeste na imaginação, de que eu era outra.

Periand. Meu bem, meu amor, nem por pen-

samento te offendi , e se acaso me não crês ;
deixa-me sepultar nesse mar , que só assim ve-
rás que mais quero a morte , que viver nos des-
agrados de teus olhos.

Filen. Tem mão , que eu não quero finezas mor-
tas ; deixa-me , *Periandro* , deixa-me lamentar
as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

Canta Filena a seguinte

A R I A.

Nesse líquido elemento ,
A pezar de meu tormento ,
Vejo , ó falso , o teu retrato ;
Pois que tanto se parece
Na inconstancia a esse mar.

Onde está , tyranno ingrato ,
A constancia que dizias ?
Onde a fé que promettias ?
Pois não sabes ser amante ,
Por mudavel , inconstante ,
Leve o mar o teu amor.

Vai-se.

Periand. Espera , *Filena* , não te vás com tanta
celeridade ; porém hei de seguir-te a pezar da
tua ligeireza , que se amor te formou das pen-
nas azas , tambem saberei fazer dessas azas
pennas. Geringonça , detém a *Filena*.

Ger. Fez muito bem ; vossês são falsos , e se que-
rem dourar , pois soffrão estes desprezos.

Vai-se.

S C E N A VI.

Praça. Mutação de noite, e sahe Esopo.

Esop. **C**Om a turba multa da gente me perdi de meu Senhor Xanto, e isto he já noite; onde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora hum Tabellião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que este he o Tabellião da casa: Ora graças a Deos que já não serei singélo, senão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bugia presa no cepo de meu coração, e eu lhe farei taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

Sahem Messenio, e Guardas.

Mess. Quem vem ahi?

Esop. Eu, Senhor, não vou, venho.

Mess. De donde vem?

Esop. Eu venho da geração de meu pai por ascendencia.

Mess. Que armas traz?

Esop. Ainda o Rei de Armas me não abriu as minhas.

Mess. Vossê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a vêr se leva alguma faca.

Esop. Senhores, se eu venho a pé, como hei de trazer faca?

Mess. Busquem-no bem,

1. *Hom.* Aqui tem huma cousa na algibeira.

Mess. O que he ?

Esop. Isso he hum corno que trago aqui por amor do quebranto : Ui, Senhores, Vossas Mercês querem buscar lá por detrás !

2. *Hom.* Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

Esop. A'que d'ElRei, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando; busquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado sim

Mess. Que trouxa he essa que traz ahi nas costas? Tirem-lha fóra, e vejamos.

Esop. Se Vossas Mercês ma tirarem, digo que são valentes.

1. *Hom.* Ella está atada de sorte, que a não posso tirar.

Mess. Que he isso que levas ahi ?

Esop. Não he nada, he huma corcova para servir a Vossas Mercês.

Mess. Apostemos que és Esopo ?

Esop. Com que só Esopo hé corcovado ?

Mess. Dize, para onde vás ?

Esop. Eu não sei para onde vou.

Mess. Assim respondes á Justiça ? Levem-no preso.

Esop. Vejam Vossas Mercês se disse eu bem que não sabia para onde hia; pois na verdade que eu não sabia que hia para a cadeia.

Sabe Xanto.

Xant. Onde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes sem poder topar com elle ? Alli está a Justiça, vou-me retirando.

Mess. Quem vem lá?

Xant. Amigos.

Mess. Que amigos?

Xant. Sou Xanto Filosofo.

Mess. Senhor Xanto, veio Vossa Mercê a boas horas.

Esop. A boas horas veio Vossa Mercê, ás avessas.

Xant. Senhor Messenio, que fez Esopo, pois o tem preso?

Mess. Per não fallar com cortezia á Justiça.

Xant. Vossa Mercê, Senhor Messenio, por quem he, ha de soltar a Esopo; pois bem sabe que he bobo, e chocarreiro, e se alguma cousa respondeo seria por graça.

Mess. Bastava ser cousa de Vossa Mercê para o soltar. Soltem a Esopo.

Esop. Pó diabo, como fede! Os esbirros devião soltar algum preso.

Xant. Vossa Mercê viva mil annos, Senhor Messenio, pela galantaria que me fez de soltar a Esopo.

Esop. Vossa Mercê viva mil annos pela galantaria que fez em prender-me.

Mess. Vamos correndo o bairro. *Vão-se.*

Esop. Ora Senhor, aqui mora hum Tabellião; vamos, para me fazer a carta de alforria.

Xant. Qual alforria?

Esop. Essa agora he bonecra! Vossa Mercê não me disse, que se o livrava de beber o mar, ficando com credito, e honra, que me havia de dar a liberdade?

Xant. Assim o disse, não o nego; mas eu já te dei a liberdade.

Esop. De que fôrma?

Xant. Quando eu aqui cheguei estavas preso, e por amor de mim te soltarão; logo já te dei a liberdade, e tenho cumprido a minha palavra.

Esop. Essa não sabia eu; assim se pagão os benefícios? Mas eu tive a culpa. Deixára-o eu beber o mar, que quando nada podia ficar hydropico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrara dessa entaladura; porém eu me vingarei.

Xant. Olha, Esopo, se me trouxeres minha mulher para casa com alguma industria, eu te darei a liberdade.

Esop. Metta-me aqui o dedo na boca, para ver se o mordo: *nó es la burla para dos vezes.*

Xant. Anda para casa, não te agastes. *Vai-se.*

Esop. Vou feito hum vinagre. *Vai-se.*

S C E N A VII.

Mutação de Exercito. Tocão tambores, e clarins, e sahirão Cresso Rei de Lidia, e Temistocles a cavallo.

Tem. **I**nvicto Cresso Rei da Lidia, aonde intentas passar com os triunfos? Sem dúvida queres escurecer o nome, e valor do mesmo Marte.

Rei. Temistocles, quando os homens, como eu, chegão a desembainhar a espada, ha de ser para conquistar o Mundo: Já toda a Asia me obedece, e a maior parte da Europa, agora

me falta avassalar esta pequena parte da Grecia, e seja de todas esta a primeira que sinta o raio da guerra, pois degollada a cabeça, o corpo logo se prostra.

Tem. Os Athenienses, Senhor, são tão déstros nas armas, como nas letras, e bastava haver nella tantos sabios para ser difficil render-se; que o bom conselho he o que dá as victorias, maiormente tendo lá hum homem a que chamão Esopo, que dizem que he astucioso, e de grandes ardis.

Rei. Quem faz caso de hum homem á vista de hum Exercito? Que gente temos?

Tem. Cincoenta mil homens de Infantaria, e vinte e quatro de Cavallaria, fóra os vivandeiros, e gastadores.

Rei. Toca a passar mostra, que quero recrutar as tropas, e batalhões, e delles escolher poucos, e bons, para ir sobre Athenas, e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cabos que eu nomear.

Tem. Toca a passar mostra.

Irão sabindo os Soldados ao som da caixa.

Rei. Temistocles, vinde tomar as ordens, e chamar os Cabos a conselho.

S C E N A VIII.

Descobre-se hum Templo, e no fim delle estará hum estatua de Jupiter, ao pé da qual ha de haver huma Aguia com tres raios nas unhas, a qual se ha de mover a seu tempo, e cantará o Coro, e ao mesmo compasso irão sabindo Messenio, Xanto, Periandro, e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar tocarão tambores.

Esop. **A** Qui nos correm a caixa.

Mess. **A** Que novidade he esta?

Xant. Isto he caso nunca visto!

Sabe Ennio.

Ennio. Senhores, toda a Cidade está alvorotada á vista de hum poderoso Exercito com que El-Rei Cresso de Lidia vem destruindo os campos, e já á vista das nossas muralhas; e tu, Messenio, como General das Armas sahe a defender-nos.

Mess. Eu vou, e verá El-Rei Cresso o meu valor.

Esop. Sempre tive agouro com este Jupiter. Vailha o diabo a El-Rei Cresso, que no melhor que eu estava fazendo hum contratempo, nos veio fazer hum passapié daqui fóra.

Mess. Vamos, Senhores.

Xant. Esperai, pois já que estamos aqui no templo de Jupiter, consultemos o seu Oraculo, e o que elle nos disser obraremos.

Periand. Aconselhou como sabio.

Mess. Pois Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

Esop. Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

Xant. Grande Oraculo de Jupiter, como resistiremos a ElRei Cresso de Lidia?

Esop. Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opinião neste Mundo.

Haverá como terremoto, e estrondo.

Esop. Irra, que terremoto! O Templo parece que se vem abaixo! Este Jupiter será gago, que tanto lhe custa a fallar?

Canta-se o Recitado seguinte, como em resposta do Oraculo de Jupiter.

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais escravo
Consultai, que he hum Oraculo vivente,
E vereis claramente,
Do que saber quereis o desengano.
Elle será o remedio deste damno;
E para que o saibais com mais clareza,
Dessa Aguia reparai na ligeireza.

Voá a Aguia acima dita, e se põe sobre a cabeça de Esopo, que cahirá por terra, e depois se irá pôr como estava.

Esop. Vossês não vem a passara que anda voando de verdade?

Xant. A Aguia de Jupiter voando! Isto he novidade! E vai direita para Esopo.

Tod. Que portento!

Esop. Xó diabo. Passa fóra.

Xant. Deixa, não enxotes, tolo, olha que he sacrilegio.

Esop. Com que por ser de Jupiter deixarei que me tire hum olho; e mais de que, eu sei por ventura se he Aguia, ou corvo? E isto com tres raios nas unhas, que me chamusque o cabellelo.

Xant. Quem será o venturoso sobre quem se ponha esta Aguia.

Esop. Eu sou o venturoso desgraçado; xó, áque d'ElRei!

Vôa outra vez a Aguia, e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo.

Periand. Sem dúvida, que Jupiter quer que Esopo seja o Oraculo.

Mess. Pois responda Esopo.

Xant. Que ha de dizer hum escravo?

Esop. Eu não tenho dúvida em decifrar este enigma da Aguia; mas ha de ser com condição, que me hão de dar a liberdade.

Tod. Dê-se a liberdade a Esopo.

Mess. Xanto, dá a liberdade a Esopo, quando não, lha dará o povo, e ficará livre.

Xant. O que hei de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

Esop. Agora sim. Nobres Athenienses, dai-me attenção, que fallo serio. Bem vistes que a Aguia de Jupiter se pôz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio d'ElRei Cresso nos quer avassallar, mas como depois disso o escravo conseguiu liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna se seguir os meus conselhos.

Xant. Bem decifrado enigma!

Tod. Viva Esopo , e elle seja o director desta guerra.

Xant. Esopo , aquella casa he tua , ainda que liberto estas não te apartes de mim.

Esop. Algum diabo , que eu me vá de casa estando nella a Senhora Filena , a quem entro agora a servir , e a mostrar-me seu amante ás escancaras. Xanto , vamos , que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

Tod. Viva Esopo nosso libertador.

Esop. Não gabem a porca antes de passar o mar-rão.

Tod. Vamos a pelejar.

Canta o Coro , e se dá fim á primeira Parte.

 P A R T E II.

S C E N A I.

Mutação de Selva, e no fim haverá hum Palácio onde estará a mulher de Xanto, e sahe Esopo.

Esop. **V** Enho deitando o bófe pela boca fóra, bófé, que ainda depois de liberto não tenho huma hora de socego; pois meu patrão está ateimado a que lhe leve para casa a mulher que lhe fugio; a isto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardarão muito em vir; se me agarrão, lá vai Esopo c'os diabos: como trarei eu esta maldita mulher para casa, que huma mulher teimosa he peor que hum cancro, que não tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e se me não engano lá está huma mulher, e pelo fartum da cólera he a Senhora Euripedes, pois agora a ella lhe arderá o rabo. Ha por aqui quem venda alguns perús, patos, gallinhas, coelhos, e outras cousas comestiveis?

Eurip. Esopo, que he isso, que buscas? Anda cá. He possivel que me não viesses ver até agora.

Esop. Ai, Senhora, confesso-lhe que não tenho tido huma hora de meu com o casamento de meu Amo, o Senhor Xanto.

Eurip. Como he isso ? Xanto, casa ? Pois eu já morri ?

Esop. Provera Deos. á parte. Sim Senhora, casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que ha nesta terra. Apenas Vossa Mercê se foi de casa escumando como huma cadella de fila, quando logo forão tantos os casamentos que sahirão a meu Amo, que isso foi huma cousa nunca vista; ajuntárão-se na porta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras dizião: eu, eu. Então acabei de ver quanto valia hum Filosofo. Meu Amo vendo que chovião nelle mulheres como na rua, mandou que subissem todas, e que o levassem por opposição, visto estar vago o estrado de Vossa Mercê; foi cousa para ver, o como ellas se oppunhão humas ás outras! Qualquer dellas sabia bem da Arte de amar, porém Geringonça, (que tambem entrava no concurso) levou a palma em vida; e como meu Amo estava affeçoado de Geringonça, ella foi a que triumphou, e com effeito está teúda, e manteúda em casa; á manhã se faz o casamento, para o que venho a apennar todas as aves de penna; adeos, Senhora. Ha por aqui quem venda alguns perús, patos, ou gallinhas?

Eurip. Espera, Esopo, olha cá o que te digo.

Esop. Se tem alguns perús para vender, venhão, que os quero comprar.

Eurip. Elle pagará o pato. Ha maior desaforo! Que este magano de meu marido não basta namorar-se da criada, mas tambem casar com ella? Estou huma vibora.

Esop. Eu o creio.

Eurip. Xanto casar-se com outra mulher ! Isto he crível ?

Esop. Pois se elle está vivo não se fora Vossa Mercê de casa.

Eurip. Espera, Esopo, que eu vou contigo perguntar a esse insolente se ha de casar com outrem estando eu viva ?

Esop. E tão viva que tem o espirito no corpo.

Eurip. Se apanhára agora aquelle velhaco lhe havia dar muito couce ; estou ardendo com zelos ? Montanhas, como não cahis sobre mim para sepultar-me ?

Esop. Espere, se quer que caia hum tronco sobre o seu corpo, isso farei eu.

Eurip. Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

Esop. Parece que lhe ardeo o rabo.

Canta Euripedes a seguinte

A R I A.

A vibora insana
 Dos zelos com ira
 Penetra tyranna
 O peito, que espira
 Nas ancias da dôr.
 Frenetica morro,
 Afflicta suspiro,
 Languente respiro
 Nos zelos de amor.

Vai-se.

Esop. A' fé que ella vem para casa ; ora já logrei o meu intento ; mas que ouço ? Tambo-

res ? O inimigo já vem chegando , vamos a defender a Praça.

Toca o Tambor.

S C E N A II.

Mutação de Arraial, e no fim estará hum Castello com gente de guerra, e sabem El Rei Cresso, Temistocles, e mais Soldados.

Tem. **S** Oberbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem inconquistaveis!

Rei. Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago O Athenas, ou tu te has de render, ou eu hei de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

Tem. Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerario.

Rei. A prudencia he capa dos medrosos; o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volatim á Praça, e diga aos Athenienses, que quem se acha nesta campanha he El Rei Cresso de Lidia, a cujo valor se tem sujeitado todo o Peloponneso, que me acho com a flor das minhas tropas, que se se quiserem sujeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo escuzarão de experimentarem os rigores da guerra, e hum assalto rigoroso, e quando não, não ficará pedra sobre pedra.

Hirá hum Volatim ao muro, e dará o mesmo recado, ao que respondem da muralha.

Mess. Dizei a ElRei Cresso de Lidia, que Athenas, como Soberana, nunca reconheceo Superior, e que o seu exercito não nos assombra; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas, que são as do entendimento, e as da guerra, e assim, que nós resistiremos até morrer.

Rei. Notavel resolução?

Canta o Rei a seguinte Aria, e Recitado, e depois dá-se o assalto.

R E C I T A D O.

Animo pois, Soldados valorosos,
Castiguemos a barbara ousadia
De Arhenas temeraria,
Sentindo o insensivel
De Mavorte cruel a furia horrivel.

A R I A.

A fábrica altiva
De tanto edificio
Cruel sacrificio
De Marte será.

O fogo que accende
Bellona no peito,
O muro desfeito
Em cinzas fará.

Rei. Valorosos Soldados, neste primeiro assalto consiste a honra, e o valor. Toca a investir. Toca-se, e se dá o assalto, arrimando duas escadas, por onde subirão alguns Soldados a brigar com os da Praça, e se lançará ao

mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rei.

Rei. Toca a recolher, suspenda-se o assalto, que morreo muita gente.

S C E N A III.

Mutação de Sala, onde estarão Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.

Xant. Não he razão que pelo exercicio das armas se suspenda o das letras, e assim em quanto pelejão os Soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas Aulas; sentemo-nos, e vá de argumentos.

Sabe Esopo.

Esop. Ai, quem me acode, que morro?

Xant. Que tens? Que te succedeo?

Esop. Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que derão hum assalto na Praça.

Periand. Pois vencemos?

Esop. Eu, supposto lá me achasse, não vi cousa alguma.

Periand. Como? Isso implica.

Esop. Não implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quer ver ha de pagar á porta, e quiz a minha desgraça, que não levava dinheiro; e como me virão sem laia derão-me logo huma baixa redonda.

Periand. Bom director temos para esta guerra?
Entendo, Esopo, que se tu fazes das tuas,
que todos ficaremos cativos d'ElRei Cresso.

Esop. Se isso assim for pegue Vossa Mercê no
Senhor Jupiter, e dê-lhe muito açoute; pois
elle foi o que me alcovitou para ser General
desta guerra.

Xant. E que novas me dás de minha mulher?

Esop. Ainda essa he peor guerra, porque he hu-
ma guerra porca; pois quando se encoleriza,
tocando com as baquetas das pernas no tam-
bor da sua paciencia, cada palavra he huma
balla, e cada saliva hum perdigoto.

Xant. Pois homem, vem para casa, ou não?

Esop. Esteja descansado, que ella logo vem;
porém (ainda que mal pergunto) hoje ha
aqui Conclusões?

Xant. Ha huma conferenciazinha; e tu, Esopo,
tambem has de argumentar.

Esop. Quem defende?

Periand. Eu defendo tres pontos.

Esop. Quaes são, que eu tambem quero metter
o meu bedelho?

Periand. As questões são curiosas.

Esop. Diga, que tambem sou curioso.

Periand. O primeiro ponto he: Que o maior
indicio do amor he o andar hum amante triste.
O segundo ponto he: Que o amor para ser
perfeito ha de ser cego. E o terceiro defi-
nir que cousa he o amor.

Xant. Eu presido; argumente Ennio, e Periandro.

Esop. Na terra dos cégos quem tem hum olho

he Rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pulando para esgrimir a espada da eloquencia.

Ennio. Ora contra o primeiro ponto, em que se affirma, que o maior indicio do amor he andar triste hum amante, argumento assim: A tristeza he indicio do desgosto, o amor he o maior gosto; logo não pôde ser a tristeza indicio de hum gosto, qual he o amor.

Xant. Repita.

Periand. Nego, que o amor seja o maior gosto.

Ennio. Provo: Se o amor não fôra gosto todos o aborrecerão, e como todos procurão o amor, logo o amor he gosto.

Periand. Todos appetecem o amor com vontade constrangida, concedo, com vontade livre, nego.

Xant. Admiravelmente; porque a vontade forçada não he vontade.

Esop. Isso se acaba com a experiencia; vamos ás Galés, e faça-se anatomia em hum forçado, para ver se tem a vontade livre.

Ennio. Contra.

Esop. Ora cale-se, que não ha de levar a melhor de seu Mestre, pois ainda que diga hum a sneira sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de baqueallo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, & enamoratus cum Michela sua, contra punctum corridum sic argumentor:* Se o indicio maior do amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinuum meum, ad namoran-*

dam cachopam; sed sic est, que a viola he significativo da alegria: ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur de cousa alegre.
Periand. Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria, pois ás vezes nella se tangem sons tristes.

Esop. *Non potest esse argumentor ita:* Não haverá Barbeiro, que *ad namorandam, vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado he som folgazão; *ergo amor inginhatur* com cousa alegre.

Xant. Distingo: o oitavado he som folgazão, *ut vulgò* o arrepia, concedo, porém se he o oitavado molle, nego.

Esop. Tudo o que he molle se arrepia; o cabello se arrepia, porque he molle, *ergo* o oitavado molle, e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não têm resposta, assim o diz Galeño: *Omne molle arripiatur, ou surripiatur*, como diz a Glossa.

Xant. Ora calte, que não dizes nada.

Esop. Olhem Vossas Mercês, sempre hum exemplo acclara muito hum calcanhar; vá tóra da fôrma: Se a tristeza fôra significativo do amor, seguir-se-hia que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não ha animal mais triste, melancolico, e sorumbatico, do que o burro, e assim, ou Vossa Mercê me ha de conceder que o burro he amante, ou ha de negar que a tristeza não he sinal de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc?*

Xant. Digo que tens razão.

Ennio. Victor Esopo; boa paridade!

Esop. Pois eu não o disse por paridade; o certo he que eu sou hum grande talento.

Ennio. Contra o segundo ponto das Conclusões, que diz, que o amor para ser perfeito ha de ser cêgo; o amor reside na vontade, o entendimento he o faról que guia a vontade; logo se a luz do entendimento allumiára a vontade, nunca o amor seria cêgo.

Periand. Respondo, que nesse caso tambem o entendimento está cêgo. Se o entendimento está sem luz, como pôde guiar a vontade?

Esop. Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: *totus amor est albarda: atqui que albarda est enxerga; ergo o amor ha de enxergar.*

Xant. Quem te disse a ti que o amor era albarda?

Esop. Ui, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no betço me embalarão com aquella cantiga.

O amor he huma albarda,
Que se põem em quem quer bem;
Eu por não ser albardado,
Não quero bem a ninguem.

Xant. Isso he questáo de nome, vamos ao terceiro ponto, que he difinir o amor.

Periand. Agora defina Esopo o que he amor, que nós lhe argumentaremos.

Xant. Dizes bem, ouçamos o que diz, e vejamos o seu juizo.

Ennio. Bem está, que elle tem grande juizo; assim o tivera eu.

Escop. O meu juizo já andou demandado em Juizo; mas eu por lhe fartar a vontade me subo á magistral, e definirei o amor.

Tod. Ora ouçamos a Esopo, chiton.

Sobe Esopo á cadeira, e assentando-se nella diz:

Esop. Vulcano, aquelle celebre Ferreiro, a quem a Gencilidade hypothecou o dominio do fogo, foi marido de Venus, (ainda que outros dizem que Venus he que foi sua mulher) valha a verdade, que eu com isso me não metto; o que eu sei he, que estando Venus ao pé de huma bigorna em que Vulcano estava batendo hum ferro em braza, e sobre este descarregando o martello, eis-que salta huma faisca, préga-se na barriga de Venus, e como á queima roupa atea-se o incendio na camisa; mas quiz não sei quem, que como Venus era filha do mar alto, o fogo a não pudesse abraçar; fazendo-lhe huma empola na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a belleza he isca, que com qualquer fogo se atêa, he mécha, que com qualquer isca pega, he polvora, que com qualquer faisca estoura; bem se vio no presente caso, mas não parou ahi o estrago, porque a tal empola-sinha, ainda que dizião os Medicos, não he nada, não he nada, ella em nove mezes cresceo de tal sorte, que parecia hum tambor. **Vende-se a formosa Venus em tanto perigo,**

mandou chamar tres velhas suas conhecidas, e insignes mezinheiras. (Erão ellas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos mui Parcas.) Cada huma conforme a sua antiguidade foi-lhe apalpando a barriga; a primeira velha disse: Senhora, a barriga de Vossa Mercê tem tal quentura, que me persuado que tem nella hum incendio. Disse a segunda: Pois eu se me não engana o tacto, acho a barriga de Vossa Mercê tão dura, que cuido tem dentro della hum calhão. Respondeo a terceira velha: Com licença das Senhoras Comadres, cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga he hum bicho, pois pelos saltos que dá nella assim me atrevo a affirmar. Palavras não erão ditas, quando estoura Venus pelas ilhargas, e sahio como huma pelôta hum rapaz cêgo de ambos os olhos, com aljava ao hombro, e na mão hum arco, e pondo-se logo em pé disse a criança: Não quebrem a cabeça, que o que minha mãe tinha na barriga era o Amor, que sou eu. Vendo as velhas este prodigio, disse a primeira: Não cuides, Cupido, (que o rapaz logo trouxe o nome consigo) não cuides que me dêste quináo, pois tanto montava dizer que Venus tua mãe tinha na barriga hum incendio, que o ter amor; porque amor, e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum desdem faz o amor seu foguete, e de rabo, quando dá as costas aos carinhos, por mais que busca pé para

disparar nas meninas dos olhos o foguete de lagrimas que chora? Todas as arvores de geração são esgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque, porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borralho, para os moços esquentador, para os anos fogo selvagem, para os lacayes fogo lento, para os tãves fogo viste lingoça, para os pretos tição, para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha; quando a segunda, inchando o gorgomilo, e encrespando as cordoveas disse: Pois na verdade, que me não enganei em dizer que Venus tinha hum calhão na barriga; pois nenhuma outra cousa he o amor senão huma pedra, e senão veção: A cabeça do amor he pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos, a testa he marmore de que se lavrão as estatuas da ausencia com o buril da memoria, os olhos são esmeraldas, cõr da esperança com que engana, a boca rubim pelo sanguinolento; a garganta pedra hume pelo que aperta; o peito diamante, porque hum amor só com outro amor se lavra; os braços por victoriosos, pedras victorinas; as mãos pedra lipis pelo que cauterizão, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor pelo forte, rocha viva, quando prostra, pedra de raio, quando engoda, pedra de assucar, quando attrahe, pedra iman, quando experimenta finezas, pedra de

tocar, quando vence impossiveis, a melhor pedreira, e quando doura aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres pedra de estancar sangue; para os homens pedra de funda; para quem foge, ou as amóla rebollo; para os Barbeiros pedra de affiar; para as cozinheiras pedra de ferir lume; para os mochilas pedra da rua; para os marujos lancha da praia; para os meninos confeito seixinho; para os golosos pedra de cevar; para alguns pedra cordeal, e para todos pedra de escandalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a ultima syllaba, quando a outra velha abrindo a caixa da boca tirou o cachondé da eloquenciã, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, não hei de ficar vencida, porque se affirmei que Venus tinha na barriga hum bicho, não disse mal; pois que cousa he o amor, senão hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senão pergunto: que he o amor, senão huma hydra de sete cabeças, que nem o mais valente Hercules pôde vencer? He camaleão, que se sustenta com o vento das lisonjas, he tarantola, que com os descantes cura o seu veneno; quando diligente, he centopêa, quando se atêa, aranha, quando com vista mata, lince, quando céga, toupeira, quando desdenhoso, ouriço, quando tímido, lebre, quando valente, tigre, quando fiel, cachorro, quando mehino, lesma, quando arrastado, cobra, quando trombudo, elefante, quando nescio, camello, quando furioso, leão, e quando pára, sendei-

ro. He o amor para as Damas arminho que regala, para as Freiras cáosinho que affaga, para as velhas dragão que mette medo, para os mancebos cavallinho da alegria, para os velhos cavallo cansado, para as cozinheiras gata borralheira, para as fêas cão de arame, para os valentes antia, para os Granadeiros lontra, para os çapateiros bezerro, para os casados touro, para os pacientes cabrão, para os asnos burro, que dá couces na alma, e finalmente bugio, porque a todos préga o mono. Para prova desta verdade perguntai a esses amantes o que fazem, para explicar o seu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o mesmo he fazerem hum bicho, que dizerem que tem amor, pois o amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus se gerou; he bicho de seda, que transformando-se em borboleta se parece com o amor nas azas; he bicho de cozinha, que tempera os genios mais asperos, he sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninha gata, quando nos mette medo, bicharoco, quando nos chupa o sangue da bolça he bicha, e finalmente he bicho carpinteiro, que não pôde estar quieto com os seus bicharocos. E concluiu a velha toda esta arenga, fazendo hum horrendo, e espantoso bicho, dizendo: quem, Vossa Mercê, Senhor Cupido? Essa he boa! Esta he a definição do amor que lhe derão as tres velhas, vindo a concluir que o amor he féra, raio, e pedra; féra nos estragos, raio nos

incendios, e pedra na dureza; e quem quizer mais vá á sua casa.

Xant. Por certo, que definiste bem o amor, e em premio da tua sabedoria terás o gráo de Doutor em Filosofia.

Periand. Justo he que laureemos a Esopo.

Ennio. Esopo merece todas as honras de sabio.

Xant. Has de ser Mestre do Curso que se ha de abrir para o anno.

Esop. Isso he pulha; Mestre do Curso! Muito hei de gastar em alfazema, e alecrim para perfumar a Aula, que cheirárá, que será hum desamparo.

Xant. Porém antes de tomares o gráo has de responder a huma pergunta solta, que he costume Academico.

Esop. Quem pergunta saber quer; ora vá.

Xant. Dize, Esopo, porque razão chamáo aos corcovados Poetas?

Esop. *Sic querit, & respondeo*: chamáo aos carcundas Poetas, porque os Versistas deste tempo são Poetas, mas he cá para trás das costas.

Periand. Boa resposta!

Ennio. Boa agudeza?

Esop. Ahi está ella muito á ordem de Vossa Mercê.

Xant. Ora eu te constituo Doutor, Esopo, pela authoridade que tenho da Republica.

Periand. Muito bem, Senhor Doutor.

Ennio. Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabem.

Esop. Com que só basta dizer o Senhor Xante que sou Doutor para logo o sei?

Xant. Quem o duvida?

Esop. Ora eu cuidava que para ser Doutor era necessário andar hum homem em Salamanca sete annos, e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

Sabe Euripedes gritando muito, e dará com a cadeira no chão, e ficará Esopo debaixo della.

Eurip. Onde está este patife, e este velhaco de meu marido? Onde está, que lhe quero perguntar se ha de casar com outra mulher estando eu viva? Tudo ha de ir raso nesta casa, não ha de ficar pedra sobre pedra.

Esop. A'que d'ElRei, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que Doutor morto.

Xant. Senhora, que terremoto he esse que vem fazendo? Que tem?

Eurip. Ainda me pergunta que tenho? Vossê casado com Geringonça estando eu viva!

Xant. Eu, Senhora? Isso he testemunho.

Eurip. Esopo, não mo disseste?

Esop. He verdade, mas como Vossa Mercê não queria vir para casa a fazer vida marital com meu patrão, foi-me preciso fingir que elle se casava; porque Vossa Mercê então acoçada dos zelos viria para a sua companhia.

Xant. Eu te perdôo a peça pela industria com que a treuxeste para casa.

Eurip. Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva.

Dá-lhe.

Esop. Tá, tá, tenha mão para lá, que já não sou seu cativo, que me libertou o Povo, e além disso sou Doutor em Filosofia, que he o mesmo que Mestre em alhos, e já agora tão bom, como tão bom.

Eurip. Está bem, tu mo pagarás; anda Xanto.

Vai-se.

Xant. Vamos, Senhora; vou tremendo! Esopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

Esop. A Senhora Mestre, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farei muito por lhe mostrar a manta.

Vai-se.

Ennio. Vinde, Periandro, que já não posso aturar o diabo da mulher.

Periand. Ide Ennio, que quero ver se posso fallar com Filena, que ha dias que a não vejo.

Ennio. Pois ficai-vos embora.

Vai-se.

Periand. Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quiz fallar? Bem disse Esopo que o amor era pedra, fogo, e fera, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; fera na condição de Filena, fogo no incendio de meu peito, e pedra no immovel com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edificio onde habita Filena. Oh quem nunca soubera o que era amor!

Sahe Filena.

Filen. Quem está aqui?

Periand. Quem ha de ser, senão quem adora,
náo só o idolo de tua formosura, mas até as
paredes do templo, onde te elevas Deidade?

Filen. Se soubera que estavas aqui não passara
por esta sala.

Periand. A tanto chega o teu odio, que nem
ver-me desejas?

Filen. Não posso responder, porque minha mái
já veio para casa, e lhe vou fallar.

Periand. Espera, que te não has de ir sem pri-
meiro fazermos as pazes, pois sem razão vejo
que estás contra mim.

Filen. Não quero admittir desculpas, que hão de
ser tão falsas como tu, que as pertendes dar;
deixa-me, Periandro, que vou ver minha mái.

Periand. Escuta sequer hum breve instante, Fi-
lêna, as queixas de hum amante afflicto; não
queiras que de todo acabe desesperado aos gol-
pes de huma mágoa.

Filen. Por me não deteres mais dize o que que-
res dizer.

Periand. Pois escuta.

Canta Periandro a seguinte

A R I A.

Ingrata, não sei porque
Podendo eu ser feliz,
Fazes com teu rigor,
Que chegue a enlouquecer.
Cruel Deidade, vê
Que ainda que infeliz,
Em mim se acha amor,
Que puro sabe arder.

Filen. Compadecida da tua mágoa buscarei hora em que com mais vagar te desculpes, e eu me satisfaça.
Vai-se.

S C E N A IV.

Mutação de Camera, e sabe Esopo com hum papel na mão.

Esop. Grande pezo tenho sobre as rainhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ella ainda hum amor como hum inchaço? Eu confesso que sim tinha amor á menina, porém depois que a vi hontem cahindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei mais abrazado; vejão agora a asneira deste meu amor, em que havia achar motivo para se atear! Eu tomára declarar-me com ella; se pegar muito bem, quando não, pouco se perde; mas eu acho de mim para mim, que ella não ha de ter dúvida a ser minha amante, pois já agora sou Doutor; e ella que mal lhe estará levar em capello a minha contubernia amorosa?

Sabe Filena.

Filen. Esopo, ha dous dias que me não dás lição; ora vamos a isso.

Esop. Ora digão agora Vossas Mercês sem paixão, quem se não ha de namorar daquella cara, que parece pintada a oleo de linhaça?

Filen. Vamos á lição, se queres, senão vou-me.

Esop. Quero, quero, antes porque quero por isso não quero. Olhe, menina, ninguém corre atrás de nós, tempo tem a lição, conversemos hum pouco primeiro.

Filen. Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

Esop. Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

Filen. Das tuas desgraças? Como?

Esop. Bem, já estou mettido na tramoia; eu começo a explicar-me: como está o Senhor seu pai dos flatos?

Filen. Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

Esop. Isto foi hum entreparente; mas o caso he que as minhas desgraças Vossa Mercê... quando... hoje... á manhã... eu estou fóra de mim! Não digo cousa com cousa!

Filen. Que dizes, que te não entendo?

Esop. Agora, agora, eu me explico: De sorte, que eu... não... não... de maneira... que Vossa Mercê... não... sim... não... espere... faça Vossa Mercê de conta...

Filen. Que hei de fazer de conta? Tu estás bebado?

Esop. Não estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

S O N E T O.

Ora aspiro, ora temo, ora duvido;
 Ora grave, ora meigo, ora severo;
 Ora eigeito, ora peço, ora não quero;
 Ora paro, ora tenho, e ora envido:

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora prompto, ora tímido, ora féro;
Ora livre, ora escravo, e ora impéro;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora não, e ora logo.
Ora envido, ora perço, e ora ganho;
Ora incendio, ora neve, e ora fogo;
Estranho variar de amor estranho!

Filen. Tens dado mais horas que hum relogio,
e em tantas não te pudeste explicar.

Esop. Pois Senhora, nas horas desse relogio apon-
tava o mostrador do meu enleio, quando a for-
mosura de Vossa Mercê me tem feito em quar-
tos, e por instantes morrêndo na repetição dos
golpes.

Filen. Sim? Pois que he?

Esop. He o coração que está a bater.

Filen. Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

Esop. Será, mas eu acho que o meu coração não
cabe na pelle, porque tem dentro...

Filen. O que tem?

Esop. Tem â, â, â...

Filen. Se não passas do A, pouco sabes; que he
o que tens, que estás gago?

Esop. Quero dizer amor, e não me chega a lin-
gua. Ora escute, que cantando me explicarei;
pois já que o amor he Tarantola, como disse
hum discreto, que fui eu, com a musica cu-
rarei o veneno do coração.

*Canta Esopo a seguinte**A R I A.*

Sabes tu quem me atormenta?
 De mansinho, aqui em segredo:
 He... mas ai, que tenho medo!
 Ora eu digo resolutto,
 E's tu mesma, ingrata, tu.
 Tu fabricas este enredo
 Aos meus olhos, que lamentão
 O rigor daquelle monstro,
 Que anda cego, nú, e cru.

Filen. Com que te namoraste de mira? Vivas
 muitos annos, que eu disso não me offendo.

Esop. Sim, mas eu queria...

Filen. Que querias?

Esop. Eu sei! Queria que me correspondesse tam-
 bem, que nos escrevessemos de parte a parte,
 ainda que sempre fallamos; queria que me
 desse mais hum coração de azeviche com hu-
 ma fitta da sua anagoa, e a fitta havia ser
 verde para eu lhe fazer huns versos, onde ha-
 via fallar em esperança. E indo nós assim an-
 dando, ao depois o tempo daria de si alguma
 cousa; pois que diz? Sim?

Filen. Valha-te o diabo, mofino, que sempre has
 de estar de pachorra! Vamos á lição, anda, que
 ao depois quero que me notes huma carta para
 Periandro, que hei de escrevella pela minha
 propria mão, e da minha letra, tal, e qual.

Esop. Com que não ha que deferir ao meu re-
 querimento, e sobre não ser admittido, como

amante, hei de ser alcoviteiro? Isso não ha lei que o mande; e se Cupido tal souber he capaz de deixar cahir hum raio sobre mim; porém nem tudo se leva de hum jacto: eu irei colhendo favores ás furtadellas; ora ande, menina, escreva lá.

Filen. Dize de vagar, e que á manhã me falle; escolhe tu o lugar que for mais seguro.

Vai dictando Esopo, e escreve Filena.

Esop. Meu bem, Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abraza nas chammas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendedores pouco lhe basta: á manhã á noite espero vello no pateo escuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a estrebaria do cavallo de meu pai. Deos te guarde, que te não quero dar quebranto. Muito sua pelo sovaco. Ponha hum F. com hum E. atrás.

Filen. Ha de ser P. e não E. Não vês [tu que se chama Periandro?

Esop. He o que me faltava, querer a Discipula ensinar ao Mestre! Diga lá o A, B, C.

Filen. A, B, C, D, E, F.

Esop. Basta, páte ahi; não vê, tollinha, que o E. está atrás do F, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.

Filen. Tens razão, eu ponho.

Esop. Ao menos a carta he toda para mim lida nesta fórma.

Lê Esopo, virgulando como acima.

Esop. Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração.

Fileu. Não quero, has de lêr assim: Meu bem, virgula, Esopo de quem só fio, &c.

Esop. Não faço caso de pontos, e virgulas, que já se não usão. Ai, que ahi vem seu pai!

Fileu. Pois dá a carta a Periandro. *Vai-se.*

Esop. Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei de ser o teu Periandro. *á p.*

Sabe Xanto.

Xant. Esopo, que escrito he esse que ahi tens?

Esop. He a carta da menina.

Xant. Como vai ella com o lêr?

Esop. Admiravelmente; já dá escritos com a maior facilidade do Mundo.

Xant. Sendo tu seu Mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

Esop. Ah Senhor, que se ella tomára bem as minhas lições, talvez que estivera hoje n'outro estado.

Xant. São raparigas, querem brincar. Ora Esopo do meu coração, depois que veio este tigre de minha mulher para casa ainda não pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella cousa de grande empenho; estimára que á manhã á noite nos vissemos no pateo da estrebaria; Esopo, peço-te isto como amigo, adeos, que me não posso deter. *Vai-se.*

Esop. Este pateo da estrebaria que diabo terá para os amantes? Porém só na estrebaria merece estar quem he amante.

Sabe Geringonça.

Ger. Ora Esopo, tu fazes zombaria de mim?

Esop. Doutor de quando em quando.

Ger. Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão secco, tão despegado, e desdenhoso me faças desprezos?

Esop. Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem se não acho por onde te pegue! Não vês que és huma cozinheira, e eu sou hum Doutor?

Ger. Tu és Doutor?

Esop. Quando nada; porque? Não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a hum Doutor casar com huma cozinheira? Já se tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non suffertur in rerum natura.*

Ger. Ai, tu sabes latim?

Esop. *In totum, ite, ite ad temperandas panellas.*

Ger. Agora te quero mais; olha, que importa que tu sejas Doutor? Não vês que o cavallo alimpa a egoa?

Esop. *Ergo cavallus sum ego?*

Ger. Não entendo o que dizes, falla-me como d'antes.

Esop. *Non possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

Ger. Donde aprendeste isso tão depressa?

Esop. *Venit ab alto, & non te importat.*

Ger. Que o achaste na porta?

Esop. Não ha maior desesperação! Queres tu tambem agora aprender Latim? Mulher, como to hei de dizer? Não te posso querer bem.

Deixa-me; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a sarna!

Ger. Que soffra eu estes desprezos!

Canta Geringonça a seguinte

A R I A.

Vou-me embora, Esopo ingrato;
Já te deixo, pois não quero
Teus repudios aturar.

Tu desprezas o meu trato,
Sem olhar, que te venero?

Pois amor me ha de vingar.

Vai-se.

Sabe Messenio.

Mess. Esopo, estamos perdidos.

Esop. Porque, alguém nos busca?

Mess. Sahio do Exercito d'ElRei Cresso hum Soldado a desafiar hum dos nossos, e que á manhã o esperava no campo só por só, e com armas iguaes; e quando não, que incorreriamos em pena de cobardes; e o peor he, que não ha quem queira acceitar o desafio, porque os melhores Cabos, e Soldados estão doentes das feridas das setas, e assim pois Jupiter te escolheo para Director desta guerra, dize o que faremos.

Esop. O caso ainda assim he de barbas; mas por vida de Esopo, que eu mesmo hei de sahir em pessoa ao desafio.

Mess. Tu, como? Se não sabes jogar as armas, e os inimigos são déstros nellas?

Esop. Vossa Mercê, Senhor Messenio, está enganado; quem lhe disse que eu não sabia jogar as armas? Ainda não ha muitas horas que

joguei a minha espada com hum Tambor ao jogo das chapas.

Mess. Não te ponhas com graças, dá remedio a cousa de tanto empenho.

Esop. Pois; Senhor, tenho dito, eu mesmo sahirei: eu posso fazer mais, que dar o conselho, e executallo? Ora ande, que na guerra vale mais a industria que o valor.

Mess. De ti tudo se espera:

Vão-se.

S C E N A V.

Mutação de Arraial. E apparecerá a Praça; e a hum lado El Rei Cresso com alguns Soldados, e no meio do Theatro Temistocles com espada, e rodella.

Rei. **J**A' que fizeste o desafio vê lá como te sahes delle, não nos desacredites.

Tem. Tão poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Magestade desconfie de mim?

Rei. Bem sei que és bom Soldado, e valoroso; mas nem sempre a fortuna pôde ser favoravel: quæira Jupiter que triunfes, que a tua gloria será a minha!

Tem. Venha quem vier, venha o mais valente Soldado dos Athenienses, que do primeiro revés o hei de descabeçar. O' lá da Praça, não vem esse valente?

Haverá huma porta na muralha da Praça por onde sahirá Esopo com capacete, espada, e rodela: e dirá dentro o que se segue.

Dentr. Esop. Já vou, espere, que me estou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro, que importa.

Sabe Esopo.

Esop. Ora salve Deos a Vossa Mercê.

Tem. Vossê he o do desafio?

Esop. Cuido que sou eu, se me não engano; arre lapas! Que será isto, que me não posso ter nas pernas! Estava eu manso, e pacifico? quem me metteo em desafios? Ah! D. Quixote, onde estás, que aqui eras tu gente!

Tem. Ora pois, vamos a isso depressa.

Esop. Ui, Senhor, que pressa tem Vossa Mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de Vossa Mercê, já venho.

Faz que se vai, e torna a voltar.

Tem. Aonde vás?

Esop. Vou mudar de camisa, que entendo que estou mijado com alguma cousa mais.

Tem. Bom contrario tenho eu! Desta vez logro o triunfo, meçamos as armas; estão iguaes.

Medem as espadas.

Esop. Estão iguaes? Não ha tal.

Tem. Como não?

Esop. A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabello. Não, Senhor, hão de ser armas iguaes, ou eu não hei de brigar.

Tem. Iguaes, se entende, do mesmo comprimento; bem parece que isto não he terra de Soldados, mas sim de Filósofos.

Esop. Tu o amargarás na conclusão. *à parte.*

Tem. Pois estão as armas iguaes, agora partamos o Sol.

Esop. Que patta o Sol? Quer-me vossê partir o Sol da India com os dentes? Quem parte o Sol melhor me partirá a cabeça.

Tem. Bem estamos, toquem os clarins a investir.

Esop. Mande antes dobrar os sinos; porque eu desta vez aqui fico enterrado.

Tocão huma marcha com as trompas.

Rei. Que farão os dous, que tanto tardão a investir?

Tem. Ora vamos.

Esop. Pois vamos. Adeos até á manhã.

Tem. Briguemos, quando não, vcu dando.

Esop. Dê, dê, que eu farei queixa a sua Mãi. E que fará agora Geringonça? *à parte.*

Tem. Ora já te não posso aguardar, que nas dilacões periga o meu credito. *Investe.*

Esop. Espere, espere, tenha mão, que já não pôde brigar.

Tem. Porque?

Esop. Porque o ajuste foi ser com armas iguaes; quanto a isso não se me dá.

Tem. Não se te dá das armas? Pois em que te fias? *Vaha o.*

Esop. Fio-me na coura.

Tem. Pois se as armas estão iguaes, que mais falta aqui para a lei do duello?

Esop. O desafio foi, que havia ser só por só.

Tem. Sós estamos.

Esop. De burro; isso he não ser valente, vossê com gente de escolta atrás? Onde está ahí a graça? Não sabe, que *nec Hercules contra duo*, quanto mais quem não he para ser criado de Hercules?

Tem. Eu venho só, e não trago nenhum comigo. *Volta-se.*

Esop. Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás, e verá com os seus olhos: ahí! hum, dous, tres, dezanove, cincoenta.

Ao voltar Temistocles a cara dá-lhe Esopo humia cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cabe Temistocles.

Esop. Agora que se vira, reviro eu. Zumba.

Vai-se.

Tem. Ah traidor, que me mataste! Traição! Traição!

Rei. Que foi isso, Temistocles? Tu ferido dessa sorte?

Tem. Que ha de ser? Hum traidor, que dizendo-me que eu trazia gente de escolta, indo a virar a cara me deo humia cutilada.

Dentro. Viva Esopo, Esopo viva! Victoria!

Rei. Com que Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

Tem. Veja Vossa Magestade se disse eu bem, que Esopo não havia de fazer a guerra.

Rei. Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar ás mãos este velhaco de Esopo: anda curar-te na minha tenda.

Vão-se.

S C E N A VI.

Mutação de columnas, ou pateo escuro azulejado. E no fim estará huma porta, e sabe Euripedes.

Eurip. **V** Enho como tonta ! Isto he o que quer que he. Estando eu no melhor do somno não acho na cama o meu marido, vou á cama de Filena tambem o não acho, nem Esopo apparece ; tenho corrido toda a casa de alto abaixo sem vêr a nenhum, até me obriga a vir por este pateo ; entrei na estrebaria, nada encontro ! Que diabo será isto ! Mas eu cuido que sinto pizadas, eu me retiro para este canto, que hoje haverá serra Hespanha.

Retira-se.

Sabe Filena.

Filen. Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que elle já aqui estava ; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quedas ; pois com o escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde pizo ; ai, amor, a quanto obrigas !

Sabe Xanto.

Xant. Agora acabo de vêr que he cégo o amor, pois como cégo venho ás apalpadellas por tantos corredores até chegar a este pateo, que ha de ser esta noite a campanha do amor em que quero fallar a Geringonça.

Filen. Mas eu cuido que alli vem gente ; quem ha de ser, senão Periandro ?

Xant. Sinto pizadas, e o vulto, se me não enganano, para mim se vem chegando; sem dúvida he Geringonça; que espero, que lhe não falio? Vem embora, pois tu és a luz que me trás cêgo a fallar-te: tanto tardaste?

Filen. A voz he de meu pai, eu estou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que fação os moços! Eu vou-me retirando; ha maior desgraça, que quando busco a Periandro encontro meu pai! *Vai-se.*

Xant. Com o escuro não atino onde ella está.

Vai Xanto chegando para onde está Euripedes, e sabe Esopo.

Xant. Oh! Cá estás tu? Pois agora já poderemos fallar.

Eurip. Ai, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo até que elle se declare bem, que quero vêr a quem busca.

Esop. Esta casa parece-me encantada, pois desde a meia noite que sahi de cima, até agora estive sem atinar com o pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meio do campo; venha agora Filena a desafiar-me, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logradof, que eu não dei o recado a Geringonça.

Xant. Minha Geringonça, não sabes que morro por ti? Pois como me desprezas?

Eurip. Meu dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

Xant. Não respondes, amorés?

Eurip. Como quer que o queira se Vossa Mercê quer tanto á Senhora Euripedes?

Xant. Valha o diabo Euripedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomára que já morrêra, para casar contigo.

Eurip. Ha quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

Esop. Muito tarda Filena! Onde estará esta bugia? Mas parece-me que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagoa de franjas, çapatinho de tessúm, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ai, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçar poderá topar com a minha corcova, e por ella conhecer-me pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caso direi que me abraçe pelas gambaes, que he hoje o rigor da França; mas se me não engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

Sabe o burro que vai para Esopo.

Ella he sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exhala; e como vem serena! Ora fingir-me quero, Periandro. Vem cá, Planeta da quarta esféra, vem, formosa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito com o assucar queimado dos teus carinhos; não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na Chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte, calte, não te suffoques; coitadinha da minha menina, como estás rouca! Estou tão contente! Desta vez hei de dar duas figas ao amor.

Xant. Muito me resistes, ingrata Geringonça!

Eurip. Quero apurar bem a paciencia.

Esop. Ora agora, meus amorinhos, meu feitici-
nho, dá-me essa mão de jasmim, ou esse pé
de cravo, para pôr, e dispôr no canteiro de
meu coração. *Zurra.* Falla de mansinho, não
ouça teu pai; sempre me vás a fugir? Olha
cá, queres tu casar comigo? *Zurra.* Sim? Pois
havemos sahir a furto, deixa estar; mas tua
mái não o saiba.

Xant. Ora isto he já desesperação.

Faz que pega nella.

Eurip. Retire-se lá; quem he?

Esop. Menina, não gastemos mais tempo, ajus-
temos o nosso amor; ora dá-me hum abraço,
anda, não sejas burra.

*Ao ir Esopo abraçar o burro dá-lhe este dous
couces; e nos gritos de Esopo sabirá Gerin-
gonça com huma candêa accesa.*

Esop. A'que d'ElRei que me matas! Ingrata,
com isso pagas o meu amor?

Ger. A'que d'ElRei, ladrões no pateo? *Sabe.*

Eurip. Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor Xan-
to, pois que vai?

Xant. Isto he encanto; mofoño homem, que ha
de ser de mim!

Esop. Ui, Filena converteo-se em burro! Andou
discreta para a não conhecerem. O' Filena, tor-
na-te outra vez em gente, que com a baralha-
da que aqui vai ninguem repára.

Ger. Eu estou pasmada! Que diabo he isto, que
vejo!

Eurip. Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra para casar com Cieringonça? A'que d'ElRei sobre este magano!

Esop. E o velho como está réo!

Xant. Não te posso responder; vou matar-me antes que me mates. *Vai-se.*

Eurip. Peguem-me nesse magano.

Ger. Ai, Senhora, deixe o triste velho, bem lhe bastão os seus achaques.

Eurip. Ainda acodes por elle, velhaca? *Vai-se.*

Ger. Não sou amiga de ouvir pendencias. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

Esop. Calte, que não he burro, he Filena, que está disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás; para que trouxeste agora essa candeia, pois com ella fizeste tantos desarranjos?

Ger. Com que essa he Filena?

Esop. De que te espantas? Nunca ouviste dizer, que Venus se converteo em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo que não he Venus melhor do que ella.

Ger. Pois dá-lhe hum abraço.

Sabe Filena gritando.

Filen. Venhão acudir a meu pai, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mái.

Ger. Esopo, fica-te com o teu burro. *Vai-se.*

Esop. Ora só esta a mim me succede! Que estivesse eu esfalfando-me em dizer finezas a hum burro! Sem dúvida levei dous couces, cuidando que levava dous pescoções.

Filen. Andem acodir a meu pai, que se enforca.

Esop. Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a cancaburrada da noitesinha! Olhem, não ha cousa mais fiel que o nariz, por isso lhe fedia o bafô a cevada; mas como tinha o nariz cêgo de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

Filen. Anda, não te detenhas, que meu pai estará já enforcado a estas horas.

Esop. Isto não são horas de se enforcar ninguém, e senão vamos, e verá. Ah! Ingrata, não te perdôo o susto desta noite, que toda foi humma burrada.

*Cantão Euripedes, Esopo, e Geringonça
a seguinte*

ARIA A 3.

Eurip. Calte, calte, marafona,
Calte, infame bribantona,
Senão vou saltando em ti.

Ger. Que fiz eu, Senhora, que?
Porque assim sem mais, nem mais,
Tão cruel me trate assi?

Esop. Deixe a moça; ouves tu?
Não lhe digas chus, nem bus;
Té passar-lhe o frenesí.

Eurip. Hoje aqui te hei de matar.

Ger. Hoje aqui não hei de estar.

Esop. E eu aqui hei de ficar.

Eurip. Pois que os zelos,

Ger. Pois que a dôr,

Esop. Pois que amor,

Tod. Já me faz desesperar.

- Eurip.* Não te quero mais em casa, —
Vai-te, vai-te para fóra.
- Ger.* Saiba Deos, e todo o Mundo
A innocencia, em que me fundo.
- Esop.* Calte, filha, alimpa o ranho,
Toma o manto, e vai-te embora,
- Tod.* Que os enredos deste pateo
Não se podem aturar.

S C E N A VII.

Mutação de Camera. Sabem Xanto, e Esopo.

- Xant.* **E** Sopo, ouve-me por tua vida.
- Esop.* **E** Senhor, eu confesso-lhe que já estou
arrepellido, e arrenegado: nem quero onvillo,
nem quero nada desta casa; vou-me embora.
- Xant.* Pois porque?
- Esop.* Ui, Senhor, he zombaria andar aqui em
hum a roda viva, Esopo de dia, Esopo de noi-
te, como se eu fora algum bonecro de corti-
ca! Hum a casa de enredos, e hum enredo sem
fim! Vossa Mercê libidinoso, e sua filha ru-
de, sem tomar as minhas lições, e sobre tudo
hum a mulher brava; haverá resistencia, que
tal possa soffrer? Pois...

A R I A.

Vêr o tigre de minha Ama,
Quando em cólera se inflamma,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante,
E o velho paciente

Com voz baixa, e tremebunda
 Lhe diz: calte lá, serpente;
 Quando diz de lá Filena:
 Mãi, não seja impertinente,
 Tenha modo, e tenha siso;
 Mas confesso, que com riso
 Me faz isto escangalhar.

E que o misero carcunda,
 Vendo tanta barafunda,
 Tal se atreva a tolerar!

Sabe Messenio.

Mess. Que seja possível que estejas a cantar
 Esopo, quando estamos na maior afflicção!

Esop. Pois que? Temos outro desafio?

Mess. Não vês o miseravel estrago em que está
 esta Praça, com hum cerco ha tantos tempos,
 sem nos vir soccorro de parte alguma, e já
 não ha comer para os Soldados? Nestes ter-
 mos, dize, o que havemos de fazer?

Xant. Senhor, eu sou de parecer, que nos entre-
 guemos, que não ha resistencia a hum poder
 tão grande.

Esop. Calle-se lá, não se metta onde o não cha-
 mão. Ah Senhor Messenio, Jupiter, que me
 nomeou para General, bem sabe o que fez, que
 elle não se engana comigo; mande Vossa Mer-
 cê escolher hum par de Soldados, os que lhe
 parecerem mais valentes, e a cada hum dê hu-
 ma saia, e huma mantilha; e que se prepa-
 rem com armas curtas, e esperem por mim á
 boca da noite no postigo da muralha, que eu
 lá estarei; e que fação o que eu disser.

Mess. Que intentas fazer?

Esop. Logo o saberá; andem comigo, que são huns fonas.

Xant. Queira Deos, Esopo, que acertes.

S C E N A VIII.

Mutação de Arraial. Descobre-se a Praça com o cerco dos Soldados, El Rei, e Temistocles.

Rei. **N**Otavel constancia tem mostrado os Athenienses neste sitio; pois a pezar de todo o meu poder me resistem valentes!

Tem. Eu entendo, Senhor, que cedo capitularão; pois segundo as informações que deo hum Soldado que fugio da Praça, está já sem mantimentos: com que cedo lograremos a victoria.

Rei. Tomára haver ás mãos este Esopo, que só por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

Sabe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados com alguns cutelos, que ao depois puxarão por elles: e diz dentro Esopo o seguinte:

Dent. Esop. Não me fechem a porta, que aliás perderemos o pezo, e o feicio.

Mess. Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu, e Jupiter permitta que te não succeda alguma.

Esop. Quando eu der hum assobio, fazer o que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sabem.*

Tem. Quem vem lá?

Esop. Senhor Soldado, que já foi quebrado, so-
praça ná.

mos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRei Cresso, ou da Lidia.

Rei. Aqui me tendes, que he o que quereis?

Esop. Vossa Magestade saiba que eu sou huma donzella, (salvo tal lugar) que com estas companheiras sahimos da Praça, ou para melhor dizer, nos lançarão á margem.

Rei. E porque vos expulsarão?

Esop. Eu sei? Senhor, Vossa Magestade, se algum dia foi mulher bem saberá das nossas mazélas; mas pelo que me disse hum Tio meu Tambor, que se lançava a gente inutil para a guerra; porque comiamos o comer dos Soldados.

Rei. Pois tanta falta ha de mantimentos!

Esop. Ai, Senhor, isso não se falla! Eu hontem comi huma frigideira de lendeas, por não ter outra cousa; esta minha companheira, parindo hontem hum filho huma visinha sua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços; pois agoa! Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Senhor, nós estimamos muito que nos deitassem fóra para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agasalhar: e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra que adorna a sua Coroa.

Rei. Temistocles; agasalhai essas mulheres, que eu me vou recolher. *Vai-se.*

Tem. Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo me tem captivado. *á parte.*

Esop. Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

Tem. No campo não; mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós: e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte: assim o permita o amor!

Esop. Amor? Ai que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado se o Soldado me namora. *á parte.*

Tem. Ora dizei-me; que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

Esop. Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo que he mulher, e não homem.

Tem. Tão grande juizo havia de dar volta; pois sinto: que supposto me enganasse no desafio, com tudo sei que he homem de prendas.

Esop. Com que Vossa Mercê he o do desafio? Ora console-se com as disposições do Ceo.

Tem. Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

Esop. Para a sua barraca? Isso não.

Tem. Ora anda.

Esop. E a minha reputação?

Tem. Vem segura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

Esop. Pois olhe, nessa ceteza me fio; porém tambem me ha de fazer offavor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

Tem. Dizes bem. Espera aqui, que eu mando aquartelar a gente, que supponho, quer os da Praça não se atreveraõ a sair.

Esop. Isso he certo; tomárão elles bem pão. Ó
la, companheiros fiéis, cuidado, acomet-
ter com valor, e ir dando a troxe moxe, que
os apanhamos na cama.

Sabe Temistocles.

Tem. Todos já se recolhêrão, anda comigo.

Esop. Eu não vou sem as minhas companheiras;
ó lá, agora. *Assobia.*

*Investem as mulheres a Temistocles, e mais Sol-
dados, entre os quaes haverá pendencia, e se
recolhem pelo postigo do muro: e quando Eso-
po for achará a porta fechada.*

Tem. Acudão todos! Traição! Traição! Que são
homens, e não mulheres.

Esop. Dar a matar, morráo estes cães.

Tod. Morráo os traidores.

Esop. Vamos; que já vem muitos.

Sold. Vamos para a Praça. *Vão-se.*

Esop. Não fechem a porta, que ainda salto eu
para entrar.

Dentr. Não pôde ser, que já os inimigos vem
atde envolta com os nossos.

Esop. Se vem de envolta não ha que temer, que
são crianças, abra depressa.

Dentr. Não ha ordem.

Tem. Dá-te á prizão, senão mato-te.

Esop. Ai, meu bem, não me leves presa, que
eu vou por vontade.

Tem. Ainda te finges mulher, velhaco?

Tod. Morra esse traidor.

Sabe o Rei.

Rei. Que alvoroço foi este?

Tem. Senhor, as mulheres erão homens disfarçados, que vierão com armas, e apenas nos apanhárão recolhidos fizerão logo algum estrago nos nossos, que pudera ser mais; e todos fugirão, e só apanhamos este.

Rei. Dize quem és?

Esop. Eu sou ninguem.

Tem. Agora conheço que és Esopo.

Rei. Confessa a verdade.

Esop. Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Magestade da minha descortezia.

Rei. Velhaco, insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

Esop. Olhe, Senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

Rei. Ou possas, ou não possas, heide-te matar; e só o deixarei de fazer, se me fabricares humma torre no ar.

Esop. Aceito: dê-me a sua palavra, e juntamente me ha de dar os materiaes.

Rei. Prometto tudo, pois vejo que tu não has de fazer a torre no ar, e assim sempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no preso para que não fuja.

Esop. Ai, amada Athenas, que não sei se te verei mais! Adeos, Filena, adeos. *Vai-se.*

S C E N A IX.

Mutação de jardim com estatuas. E cantará o Coro huma Copla, e sabe Filena.

Filen. **S**O' a musica me diverte neste amoroso tormento em que vivo; pois sobre não poder fallar a Periandro, que supponho Esopo lhe não deo o recado, agora sei que Periandro vai tambem a pelejar pela falta que ha de Soldados. Oh que baralha sente o meu coração! E por vêr se acaso podia divertir a minha mágoa, vim a este Jardim, cujas estatuas estão feitas com tal artificio, que repetem fielmente o écho que huma pessoa articula; divirtamo-nos cantando.

Canta Filena a seguinte Copla em échos.

Em tanta pena prepara	para	ará,
O peito, quando se inflamma	flamma	ama,
Huma fineza amorosa	morosa	rosa,
Que amor em prantos derrama	rama	ama.

Sabe Periandro.

Periand. Mudadas estatuas, que vivamente pronunciais o que articula hum amante peito, já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto, por me não suffocar a pena, dissei pela vossa, o que sem remedio choro.

Canta Periandro a seguinte Copla.

Nesta frondosa floresta	resta	esta,
Quero, pois que o mal conspira	pira	ira,

Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Este prado me convida vida ida.

Filen. Amado Periandro, bem sei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos: com que he certo que partes para a guerra?

Periand. Bem sabes, Filena, que nunca me desejei apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

Filen. Dizes bem; melhor he parecer valente, que pouco amante.

Periand. Não deixa de amar-te quem busca a Marte: assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejão as eloquencias do pranto.

Cantão Periandro, e Filena a seguinte

ARIA A DUO.

Periand. Filena idolatrada,

Filen. Querido bem desta alma,

Periand. Adeos, que já me ausento,

Filen. Adeos, oh que tormento!

Periand. Que eu vou a pelear.

Filen. Que eu fico a suspirar.

Periand. Mas ai, Filena amada,

Filen. Ai, Periandro amante,

Periand. Que temo na partida,

Filen. Que temo nesta ida,

Tod. No pranto a vida dar.

Vão-se.

S C E N A X.

Mutação de Arraial, e Castello. E haverá huma taboa com quatro balaustes, e em cada hum, hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irá voando, e sabem ElRei, Esopo, e outros.

Dentr. **V** Amos vêr a torre no ar, que faz Esopo.

Rei. Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.

Esop. Faremos muito por não morrer desta vez.

Rei. Que significáo estes Corvos?

Esop. São os meus Officiaes; ora pois, attenção, iça arriba; os Corvos não podem chegar aos espetos de carne: parecem Tantalos!

Rei. Notavel idéa! Já está bem alto!

Esop. Ora, Senhor, eu aqui estou prompto como disse, para fazer a torre no ar, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo, madeira, e o mais que for preciso para fabricar a torre.

Rei. Quem to ha de lá levar nessa altura em que estás?

Esop. Pois como me faltão com os materiaes que - promettêrão, não está da minha parte o deixar de fazer no ar a torre, como affirmei.

Rei. Assim he, desce para baixo, que eu te perdôo a morte, pois da tua parte não faltaste ao promettido.

Esop. Eu não sou tão tollo, que estando no ar, que agora mais que nunca, he livre, e estan-

do á vista de Athenas, desça para baixo, onde me pódes estirar em tres páos; eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

Com a tramoya vai Esopo voando, e mette-se dentro na Praça.

Dentr. Aqui vem Esopo pelo ar, isto he novidade, e parece cousa de encanto! Viva Esopo!

Rei. Voou para dentro da Praça; grande astucia!

Tem. Senhor, se não matarmos a Esopo nunca conquistaremos esta Cidade; bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

Rei. Estou tão picado da peça, que agora mesmo a mando acometter, e até me não entregarem a Esopo não ha de cessar o combate: ó lá, toca a investir, e dar hum assalto geral na Praça.

Toca, e se dá o assalto.

Dentr. Estamos perdidos! Entreguemo-nos.

Rei. Entreguem a Esopo só, que não quero mais, quando não a todos mandarei passar á espada, sem excepção de pessoas.

Dentr. Entregue-se Esopo, que não he razão que por hum se percão todos, entregue-se Esopo.

Esop. Ah tyrannos! Ah ingratos! Com isso me pagais o bem que vos tenho feito?

Deitão a Esopo do muro abaixo por huma corda.

Rei. Anda cá, Esopo, que mereces que te faça? Assim se engana aos Principes? Hoje has de ficar sem vida.

Esop. Pois, Senhor, antes que me mates ouve-me duas palavras ao menos.

Rei. Dize; mas sem esperança de perdão.

Esop. Era huma vez hum villão, que vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruião, começou hum dia a malallos; e como visse huma cigarra, tambem lhe quiz tirar a vida, ao que respondeo a cigarra: tenha mão Vossa Mercê, que sem razão me mata; pois eu não offendo as plantas da terra, antes com a minha voz alegre aos caminhan-tes: perdoou-lhe o villão, ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte, ó Rei, eu não sou figura para te fazer opposição, nem que destrua o teu Reino, sou sim huma cigarra, que não tenho mais do que esta voz, ou esta industria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta Praça; e se hum villão perdoou a morte á cigarra, tu, que és hum Rei, porque me não perdoarás tambem?

Rei. Va ha-te Deos Esopo! Já estás perdoado: quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para estimar; pede o que quizeres, que tudo te hei de fazer.

Esop. Peço, Senhor, que ajusteis as pazes com os Athenienses, e que cessem já estas guerras.

Rei. Assim o farei: ó-lá da Praça? Abrão as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

Dentr. Viva ElRei Cresso de Lidia! Abrão-se as portas. *Entrão.*

S C E N A XI.

Depois de entrarem haverá mutação de Sala, e irão sabindo todas as figuras.

Tod. **V**iva ElRei Cresso de Lidia! Viva!

Rei. **V** Nobres Athenienses, a Esopo dai os vivas, pois elle foi o que me pedio a paz. E assim porque não fique sem premio hum homem de tanto juizo, e que deo tanto em que cuidar aos meus Soldados, mando que Esopo seja, em quanto viver, Governador desta Praça em quanto ao politico, e como a Rei lhe obedição.

Esop. Beijo as mãos a Vossa Magestade pela honra que me faz.

Tod. Viva Esopo! E viva ElRei!

Esop. Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rei, quero casar, para que seja meu padrinho; venha cá Filena.

Periand. Se Esopo casa com Filena estou perdido!

Filen. A isto só podião chegar as minhas desgraças!

Xant. Que se visse Esopo em tantas alturas! Cousas são da fortuna!

Esop. Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serei o padrinho, já que fui o medianeiro.

Periand. Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

Filen. Ora concluiu-se o cesso amor.

Esop. E pois Geringonça sempre me quiz bem,

ha de ser minha mulher : Geringonça , dá cá
essa mão de almofariz , para com ella pizar a
pimenta do meu affecto.

Ger. Lembrou-se Deos da minha pobreza , e ho-
nestidade.

Eurip. Já agora não andará Xanto com Geringon-
ça com amorinhos.

Esop. Senhores , isto está concluido , e com vo-
das se dá fim á vida de Esopo , pedindo a es-
te Auditorio perdão dos erros , repetindo o Co-
ro os vivas desta victoria.

Canta o Coro.

F I M.



